VÓZ DE DIAMANTINA. Diamantina: Semanario independente, protector da “Obra do Pão de S. Antonio”, ano 2, n. 52, 06 março 1938, [16p].

Projeto: Memória do Pão de Santo Antônio

Patrocínio: Petrobras

Realização: Associação do Pão de Santo Antônio

Apoio: Universidade Federal de Minas Gerais, Biblioteca Universitária, Divisão de Coleções Especiais, 2013.

A digitalização do periódico Pão de Santo Antônio foi autorizada pela Associação Pão de Santo Antônio.

O banco de dados de guarda permanente das imagens digitalizadas é de responsabilidade da Associação Pão de Santo Antônio.

Para acesso às imagens em alta resolução entrar em contato com a Associação Pão de Santo Antônio (associacaopaodesantoantonio@gmail.com).

A manutenção do acesso ao conteúdo impresso e digital do periódico é de responsabilidade da Associação Pão de Santo Antônio.

MEMÓRIA do Pão de Sto. Antônio

REALIZAÇÃO

APOIO

Sistema de Bibliotecas UFMG

PATROCÍNIO

PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

DIRECTOR,
— J. AUGUSTO NEVES —
Gerente, MARIO NEVES

VÓZ DE DIAMANTINA

Semanario independente, protector da "Obra do Pão de S. Antonio"

REDACÇÃO e OFFICINAS
— Bairro do Rio Grande —
—:—DIAMANTINA—:—

ANNO II — *DIAMANTINA, DOMINGO, 6 DE MARÇO DE 1938.* — NUMERO 52

1ª. Edição commemorativa do Primeiro CENTENARIO DE DIAMANTINA

A NOSSA DATA 6-3-1838 6-3-1938

O CENTENARIO DE DIAMANTINA

Exmo. Sr. Dr. Getulio Dornelles Vargas, M. D. Presidente da Republica.

Velha e historica Imagem de S. Antonio do Tijuco

18 38

DIAMANTINA, nossa historica e opulenta cidade, pela riqueza de suas minas de diamantes, ouro metaes, flóra e outras pedras preciosas, como pela civilização de seu meio e cultura de seus dilectos filhos, que lhe honram e elevam o nome; DIAMANTINA—o antigo arraial do Tijuco dos tempos coloniaes, que foi um verdadeiro cofre de riquezas, quando bandeirantes audazes e ambiciosos, no começo do seculo XVIII, esquadrinhavam, por todos os cantos, o interior do Brasil, em busca do precioso metal; DIAMANTINA—

Homenagem de apreço e admiração, da "Vóz de Diamantina", ao Exmo. Sr. Dr. Joubert Guerra, dignissimo Prefeito da Cidade.

19 38

nossa querida terra, cheia de tradições gloriosas, commemora hoje, com enthusiasmo e fremente de jubilo, em flôres de seus jardins, cem annos de sua elevação á categoria de cidade, pela Lei Mineira nº. 93. de 1838.

E', pois, neste festivo dia que o povo diamantinense, vendo-se cercado de tantos patricios, ha tantos annos ausentes, em fraternal e expansiva alegria, se congrega, elevando preces ao Todo Poderoso, para festejar o Centenario de sua cidade, o Centenario de seu berço idolatrado, pedindo a Elle pela terra natal e pelo querido Brasil!

Exmo. Sr. Dr. Benedicto Valladares Ribeiro, M. D. Governador do Estado.

Dr. José Maria de Alkmim, M. D. Secretario do Interior.

NOSSA HOMENAGEM AO C. DIAMANTINENSE

Vista do Coração da Cidade de Diamantina

A "VÓZ DE DIAMANTINA"

Com a presente edição, completa esta folha o seu segundo anno de existencia.

Sensibilizados, pois, em extremo, pelo carinhoso acolhimento que nos tem sido dispensado pelos bondosos amigos, collegas de imprensa e dignos assignantes, cooperadores e benevolos leitores, rendemos-lhes, nesta data, duplamente alegre e festiva para nós, a nossa homenagem de elevado apreço e gratidão.

Sendo humanamente impossivel publicar toda a materia que temos, assim como a grande quantidade de clichés que possuimos, resolvemos fazer circular, brevemente, uma segunda edição do Centenario.

O Jequitinhonha

Rios principaes que banham o Municipio de Diamantina:

Rio das Velhas, o Paraúna, o Curimatahy, o Rio Pardo Grande, Rio Pardo Pequeno, o Rio Pinheiro, o Caethemirim, o Rio Macaco Grande, o Rio Jequitahy, o Ribeirão Pindaybas, o Rio Preto, o Rio Manso, o Ribeirão do Inferno, o Ribeirão Galheiro, o Ribeirão Capivara, o Inhahy, Ribeirão Inhacica Crande e outros.

Famoso rio dos diamantes, cujo nome é de origem indigena *(Jequi-t-nhinhi)*, que significa côvo (concavo) frequentado, que se comprehende, cheio de diamantes ou de peixes; antes de tomar este nome, é o Rio das Pedras ou Jequitinhonha da Matta, que tem origem na cumiada da Serra do Espinhaço, no municipio do Serro, e não na Pedra Redonda, que se acha na escarpa. Tem como tributarios, emquanto Rio das Pedras ou Jequitinhonha da Matta, os rios Tres Barras, Capivary, Lomba e Jequitinhonha do Campo; já com o nome de Jequitinhonha, banha o municipio de Diamantina, dividindo em duas partes o arraial do Mendanha, em cujo centro passa, e onde existe extensa ponte de madeira sobre elle, medindo 100 metros de comprimento, e que põe em communicação as duas partes habitadas do mesmo arraial.

Recebe diversos outros tributarios em territorio do municipio de Diamantina, seguindo depois para NE., em cujo curso recebe os dois importantes affluentes Itacambirussú e Vaccaria.

Da confluencia desses, segue até receber, á margem direita, abaixo do logar onde se acha situada a povoação de Tocoyos, o rio Arassuahy, que corre parallelo ao seu curso; recebe ainda o Piauhy, S. Miguel e Piabanha, seguindo na direcção geral de E. NE., banhando os municipios de Minas Novas e Arassuahy, recebendo, ainda, á margem esquerda, os rios Pinheiro, Caethémirim, Inhacica, S. João, Tabatinga, Macahubas, Salinas, S. Pedro e S. Francisco.

Estreita-se no Salto Grande, um dos mais importantes do Brasil, no cimo da vertente oriental da Serra dos Aymorés, d'onde se precipita da altura de 44 metros, fazendo ouvir seu fracasso a 24 kilometros de distancia. Penetrando no Estado da Bahia, segue, indo banhar a cidade de Belmonte, e desagúa no Oceano Atlantico, depois de um curso de cerca de. . . 1.000 kilometros, formando uma delta na sua fóz, e communica-se com o Rio Pardo, por um canal natural, denominado Pau-Assú.

A navegação deste rio é franca desde sua barra até á Cachoeirinha, na extensão de uns 135 kilometros.

O seu lelto, não obstante já bastante explorado, por companhias extrangeiras, ainda está virgem na sua maior extensão.

Sobre o seu importante tributario o Rio Arassuahy, disse Melliel de Saint Adolphe: «Arassuahy—rio da Provincia de Minas Geraes, cujas aguas, que são assás profundas, contém chupothas e outras pedras finas.»

J. A. N.

Rios de pequenas dimensões (corregos), que banham Diamantina:

Os historicos Rio Grande e Piruruca, São Francisco ou Quatro Vintens, Pau de Fructa, que nos abastece da sua preciosa agua potavel, captada no planato do Guinda; o Rio das Pedras, que fórma a cachoeira da Tóca; o celebre e historico Tijuco e outros de somenos importancia.

—Diamantina é banhada, a Léste, pelo corrego Rio Grande; a Oéste, pelo Piruruca; e ao Sul, pelo Piruruca ou Rio da Palha e corrego Rio Grande que se encontram.

O CRUZEIRO

(A' cidade de Diamantina, pelo seu centenario)

Eis ali um cruzeiro solitario,
Posto no cimo immemorial de um monte,
Braços hirtos, abertos no horizonte...
Estatico, sombrio e milenario.

Elle relembra as scenas do Calvario,
Onde Jesus martyrizado, insonte,
Libando absyntho e fél curvou a fronte,
Tendo o céo negro e mudo por sudario.

Triste e sozinho, solitario e triste,
Impassivel, sereno, Elle resiste
Ao raio, ao sol, á chuva, á tempestade...

E, abandonado ali como um proscripto,
Deante da magestade do infinito,
Symboliza a Infinita Magestade.

Diamantina, fevereiro de 1938.

VULMAR COELHO.

Nossa saudação aos conterraneos

A todos os dilectos patricios, que o'ra visitam a terra natal, a "Vóz de Diamantina" saúda, apresentando-lhes sua visita de muita consideração, estima e elevado apreço.

Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira

A Diamantina rende sua homenagem, com expansão de regosijo, ao seu illustre filho e grande bemfeitor.

As festas de hoje

DIA 6 DE MARÇO

—A's 5 horas, alvorada por uma banda, e salvas.

—A's 6 e 7 horas, missas festivas nas igrejas da cidade.

—A's 10 horas, Missa Pontifical na nova Cathedral, com sermão gratulatorio, tomando parte no côro a irreprehensivel *Schola Cantorum* do Seminario.

—A's 13 horas, collocação solenne da placa commemorativa do Centenario, falando o dr. José Alkmim; e, em seguida, inauguração da praça Dr. Joubert Guerra, em frente á nova Cathedral, e inauguração do seu retrato, na sala de honra da Prefeitura Municipal, tributo de reconhecimento do povo de Diamantina e dos funccionarios da Prefeitura. Falará em seguida, o Revmo. Padre Antonio Cecilio.

Segue-se depois a collocação á porta da Prefeitura, da placa que o "Centro Diamantinense" offerece a Diamantina, falando o dr. José Altimiras.

—A's 17 horas, procissão solenne com a imagem de Santo Antonio do Tijuco, sahindo da nova Cathedral, com o comparecimento de S. Exc. Revma. o Sr. Arcebispo, Seminario, Clero e Collegio das Dôres.

—A' entrada da procissão, solenne *Te-Deum*, tomando parte no côro a *Schola Cantorum* do Seminario.

—A's 20 horas, sessão civica, ao ar livre, caso o tempo permitta, sendo orador official o illustre filho de Diamantina, dr. Pedro da Matta Machado, ex-deputado federal, falando tambem o dr. Aristides Corrêa Rabello.

A sessão terá inicio com a execução do Hymno Nacional, pela banda do 3º B. B. M., que, em seguida, executará a protophonia "Lamentos de Etelvina", do saudoso maestro diamantinense, João Baptista de Macêdo (o Pururuca).

Após o encerramento da mesma, a apreciada banda local "Euterpe Diamantinense" executará o vibrante dobrado "Gustavo Sampaio", do mesmo auctor.

Nessa sessão, poderão falar outros oradores do escol intellectual de Diamantina ou visitantes.

—A sessão civica terá a assistencia do Exmo. Sr. Representante do Governador do Estado, do Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo de Diamantina, do Centro Diamantinense, Auctoridades, em geral, Clero, representantes das associações civicas e religiosas, commercio, industria, operariado, etc., e c.

Sob efficiente organização está franqueada ao publico uma cuidadosa e artistica exposição variada, constando de productos naturaes, artisticos e da manufactura do nosso municipio.

—Hoje, ás 7 horas, haverá missa festiva na Capella do Pão de Santo Antonio, abrilhantada pela banda "Euterpe Diamantinense", que acompanhará, após o religioso acto, no jardim do pio estabelecimento o hymno "Minha Terra Natal", letra e musica do Tersanje Saulo, diamantinense incognito, escripto especialmente, em homenagem ao Centenario de Diamantina, o qual será cantado pelo côro do Pão de Santo Antonio.

Ao illustre e incançavel leader da imprensa diamantinense, prof. José Augusto Neves, sincera e espontanea homenagem dos que trabalham nas officinas da "Vòz".

Dr. Antonio Felicio dos Santos, insigne jornalista catholico, historiador e sabio

O Dr. Antonio Felicio dos Santos nasceu em Diamantina, Minas Geraes, no dia 8 de Janeiro de 1843, sendo seus paes o Major Antonio Felicio dos Santos e D. Marianna Fernandes dos Santos.

Falar em Diamantina é falar no Tijuco e na familia Felicio dos Santos. O Dr. Felicio era sobrinho do notavel jurisconsulto, escriptor e politico Joaquim Felicio dos Santos, auctor das "Memorias do Districto Diamantino" e vice-presidente do Senado na Constituinte Republicana, e de D. João Antonio dos Santos, primeiro Bispo de Diamantina, sagrado em 1864 pelo Santo D. Viçoso.

Faltas porque não somos responsaveis

Apezar das nossas repetidas instancias, não obtivemos retratos de muitos illustres e benemeritos filhos de Diamantina que deveriam figurar nesta edição.

Esperamos, portanto, que a belevolencia dos nossos dignos leitores relevem tamanha falta, aliás toda involuntaria de nossa parte.

Cruzeiro da Cruz das Almas

No Alto da Cruz das Almas, desta cidade, logar onde existia a celebre Acayaca, foi erguido o grande Cruzeiro que alli se divisa, desde 1711 ha 227 annos, portanto.

Acayaca era o nome que os indios dêram áquella gigantesca arvore de perobarosa, segundo reza a historia do velho Tijuco.

Aquelle Cruzeiro tomou o nome de Cruz das Almas, em razão do grande morticio de indigenas que habitavam debaixo della.

Em 1932, esse Cruzeiro foi substituido pelos devotos, com pomposa festa.

PENSO EM TI

A' minha irmã

Penso em ti lá, quando a aurora
Tinge os céos com seus rubores;
Quando tarde além descóra
Em seus languidos palores.

Penso em ti, quando negreja
A noite triste e sombria;
Quando o sol gentil rubeja
Em aurora d'almo dia.

Penso em ti nos meus scismares,
Penso em ti nos sonhos meus,
Penso em ti nos meus pezares:
—Pensa em em mim nos risos teus!

1862. JOÃO JULIO DOS SANTOS.
(Diamantinense).

O mal alheio não cura a nossa dôr.

Parque de diversões

Funcciona, desde muitos dias, um Parque de Diversões, organisado á Praça Dr. Prado, antiga Cavalhada Velha.

A affluencia de povo tem sido numerosa.

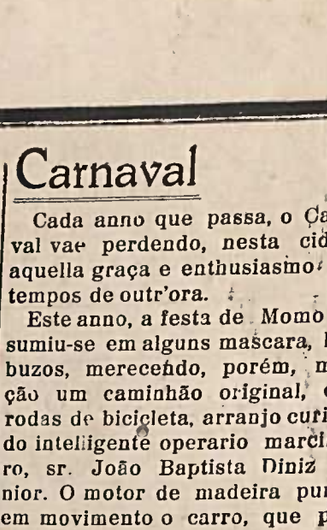
Carnaval

Cada anno que passa, o Carnaval vae perdendo, nesta cidade, aquella graça e enthusiasmo dos tempos de outr'ora.

Este anno, a festa de Momo resumiu-se em alguns mascara, lambuzos, merecendo, porém, menção um caminhão original, com rodas de bicicleta, arranjo curioso do intelligente operario marcineiro, sr. João Baptista Diniz Junior. O motor de madeira punha em movimento o carro, que percorreu as ruas da cidade.

Uma banda de musica *sui-generis* tambem exhibiu-se pelas ruas, com instrumentos velhos e azinhavrados. Houve bailes no Flamengo F. C.

Afinal, tudo correu, felizmente, sem alteração da ordem publica.



Dr. Affonso T. Lages, M. M. Juiz de Direito da Comarca.

Dr. Soter R. Couto, nosso collaborador.

Diamantina

Tenho-te n'alma o retrato,
Trago-te bem na retina,
Berço meu saudoso e grato,
Minha terra—Diamantina!

Vejo a casa: é pequenina.
Sussurra ao lado um regato.
Em frente ha muros em ruinas,
Roseiras bravas e matto.

Desce a rua em rumo á «Palha»
E, á esquerda... oh!, não me falha
Nada de tudo que vi...

Lá está minha Mãe rezando
E eu, junto della, brincando,
Na casinha em que nasci...

ABILIO BARRETO.
(Diamantinense).

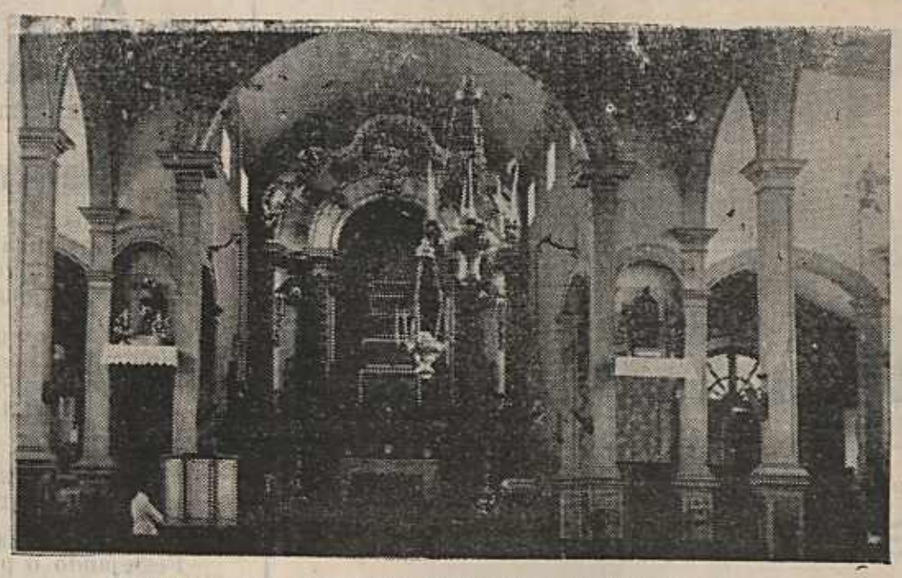
Dr. José Altimiras, nosso collaborador.

CORRIGENDA

A pagina 5 desta edição, na historia da fundação do Recolhimento dos Pobres do Pão de Santo Antonio, onde se lê: Ha 32 annos, etc., leia-se: Ha 36 annos, etc.

Durante os tres dias de Carnaval, realizou-se, na igreja do Carmo, desta cidade, um retiro espiritual dos Congregados Marianos.

D. João Antonio dos Santos, o santo e saudoso Bispo, pae da pobreza, sagrado a 25 de Abril de 1864, por D. Viçoso, Bispo de Marianna.



Interior da velha Sé Cathedral de Diamantina.

Antiga e historica igreja de N. Sra. da Luz

Graças aos esforços do zeloso Padre Gaspar Cordeiro do Couto, virtuoso missionario lazarista, nesta archidiocese, acaba esse antigo e historico templo de Diamantina de passar por varios concertos que seu estado reclamava.

Como muitos ignoram, vamos dizer algo sobre a historia desse bello templo.

Em 1755, occasião do terremoto de Lisbôa, cidade—capital de Portugal, reza a tradição que uma senhora, Thereza de Jesus Perpetuo Côrte Real, recolhendo-se, apavorada, a uma igreja, invocára a protecção de N. Senhora da Luz, para que ella, seu marido, o Sargento-Mór, Manoel José Duarte Franco, e seus domesticos fôssem salvos, fazendo o voto de, si tal acontecesse, edificar não só uma igreja, sob seu cargo, como tambem um recolhimento de orphãs, no logar para onde se emigrassem.

De facto, vindo para aqui, em companhia de seu esposo, que fôra nomeado empregado do Contracto dos Diamantes, no antigo arraial do Tijuco, deu logo execução a sua promessa, edificando a igreja, sob o orago de N. S. da Luz, cuja imagem (a mesma que até hoje se venera), trouxera comsigo, e fundou o Recolhimento, no qual foram varias orphãs educadas com todo esmero, recebendo as que se casavam, além do enxoval, o dote de 3.000 cruzados e um faqueiro de prata. Quasi todas tiveram como esposos cidadãos que representaram papel saliente na sociedade.

Thereza de Jesus, um espirito purissimo, vindo a fallecer em 15 de Julho de 1826, muito posteriormente ao seu marido, deixou o capm. João Baptista da Fonseca, amigo do seu marido e socio no commercio, como herdeiro dos seus bens, exceptuando, porém, a igreja, que legou á Confraria de S. Francisco da Luz, aqui fundada em 1824.

Seu corpo foi inhumado debaixo do côro. Tempos depois, desmanchando-se a fachada principal da igreja, em virtude de novo alinhamento ordenado pela Camara Municipal de então, ficou no atrio a sepultura dessa benemerita senhora, cujo retrato, trabalho do pintor Manoel Pereira, acha-se até hoje conservado e collocado na sacristia do velho templo.

Em 1868, mais ou menos, tentaram melhorar a construcção dessa igreja, desfazendo-a em grande parte, mas baldados forem todos os esforços pela carencia de ordem na direcção dos trabalhos.

Em 1899, estando ella prestes a desabar, o Revmo. Vigario Antonio de Sousa Neves tomou sobre si o pesado encargo de reparal-a e o conseguiu, auxiliado pela generosidade publica que, de prompto, accudiu ao seu justo appello; e vencendo innumeras difficuldades, desempenhou, cabalmente, a sua piedosa missão, não deixando desapparecer esse templo que tanto honra as nossas recordações historicas, sendo no dia 20 de Maio do mesmo anno, reabertas as suas portas ao culto publico.

Essa igreja está situada a N O., em um ponto elevado, a um kilometro, mais ou menos, do centro da cidade, e della, em tempos immemoraveis, sahiam as tradicionaes procissões de penitencia, *Cinzas e Fortaleza*, realizando-se esta á meia noite.

Tempos depois, ainda em memoria de todos, o saudoso e inesquecivel Padre José Pedro Lessa tomou a seu cargo e zelo o velho templo, promovendo nelle os melhoramentos que hoje se vêm, como as construcções do altar-mór, da capellinha de S. Geraldo e da torre, que, até então era de lado, baixinha e sem esthética.

O seu interior é singelo e as paredes bastante altas, são despidas de ornatos.

O altar-mór fica bem destacado, e nelle se vê a imagem pequenina de N. S. da Luz. Aos lados, ficam mais dois altares de construcção ligeira, provisorios, com differentes imagens; e atraz do altar-mór, a sacristia, que foi agora demolida.

Esse templo possue muitas imagens antigas, de róca, e que sahiam na procissão de Cinzas, que se compunha de trinta e, ás vezes, de mais andores.

No seu antigo Cemiterio, jazem respeitabilissimos diamantinenses, como sejam Pedro José Lessa, João Raymundo Mourão e muitos outros que nos escapam á memoria.

A experiencia de todos os dias mostra-nos que o homem foi creado sociavel.

Em recordação a santa memoria do saudoso Arcebispo Conde D. Joaquim Silverio de Sousa, 1º. Arcebispo de Diamantina.

Pensão Isabel

—FAMILIAR—

Rua do Rosario

— DIAMANTINA —

Propriedade das Irmãs MATTOS

Além de sua situação na cidade, o predio dispõe de bons quartos confortaveis, onde os srs. hospedes e exmas. familias ficarão bem installados.

Fornece tambem a domicilio refeições em marmita, mediante modicos preços

15$000

E' o preço da assignatura da "Vóz de Diamantina", d'agora em diante.

Foi transferido para os sabbados, o feriado das quintas-feiras nas escolas primarias do Estado

O Secretario da Educação e Saúde Publica resolveu transferir os feriados das quintas-feiras das escolas primarias do Estado, para os sabbados, havendo no primeiro e terceiro sabbados de cada mez, a leitura nos termos do art. 437, nº 11, do Regul. do Ensino Primario, baixado pelo dec. nº 7.970—A, de 15 de Outubro de 1937.

S. Thomaz de Aquino era o mais sabio dos Santos e o mais santo dos sabios.

Extincta a Penitenciaria de OURO PRETO

Por decreto—lei nº 78, do sr. Governador do Estado, foi extincta a Penitenciaria de Ouro Preto, tendo sido creada a das Neves, em Bello Horizonte, estabelecimento modelar, onde os sentenciados gosam de todo o conforto.

O pudor perde todos os dias terreno; e parece que se espera, com impaciencia, o momento de deixar os vestidos!

Exmo. e Revmo. Sr. D. Serafim Gomes Jardim, virtuoso e apostolico Arcebispo de Diamantina.

O LIVRO DA CAPA VERDE

JOSE' ALTIMIRAS.

O regime do despotismo imperial dos Romanos, em que pompêava a vontade do monarcha, como a fonte de todas as leis (quod placuit principi, legis habet vigorem)—não foi, felizmente, de duração eterna, não obstante o disfarce vergonhoso da famigerada "lex regia", por meio da qual, segundo observa Ulpiano, o povo transmittia o seu poder integral á pessôa do principe legislador.

Portugal se regeu por esse systema de legislação, devido ao influxo avassalador do Direito Romano, que conquistou a Europa inteira, sem que, de principio, conforme o juizo de Walton, fosse adaptado ás condições de um estado social diverso.

O Direito não tem mais o caracter subjectivista e parcial e nem póde ser a resultante logica de ambições desordenadas de um potentado arbitrario.

A lei succede ao costume, reflectindo as condições psychologicas de um povo, bem como um direito normativo de suas aspirações naturaes de liberdade, de cultura, de economia, na ordem social.

O Direito vive, move-se, evolue—dogmatiza Miceli—marchando de harmonia com o desenvolvimento da vida social.

Um simples exame das ordens, alvarás e cartas regias, no tempo de D. João V e de nossa legislação vigente, mostra, á evidencia, a differença abysmal entre dois estadios de vida—um em que as leis se infirmavam pelo vicio de uma unilateralidade absoluta, sem reflexo social nem garantia alguma para a solidariedade humana; outra, actual, benigna, producto das manifestações psychicas, bem proprias de um povo que se forjou para viver numa clareira de paz e de liberdade.

Fonte precipua do Direito, a lei, como assevéra Duguit, não deve nunca trazer damno algum ao postulado sacrosanto da solidariedade social, mas, pelo contrario, realizá-la, desenvolvê-la, intensificá-la.

O Livro da Capa Verde—nome popular dado ao Regimento Diamantino—retrata bem ao vivo, a physionomia de uma era de trevas e de ignorancia.

Pról e, antes de tudo, de uma ambição descabida de Bernardo da Fonseca Lôbo e da sêde insaciavel de riquezas que devorava o espirito dissoluto de D. João V, o Regimento Diamantino, organizado pelo Regulamento de 2 de agosto de.... 1771, transubstanciou o Tejuco em theatro de scenas vivas de dôr e martyrio.

Codificação de maldições e castigos, no dizer de um de nossos historiadores, o Livro da Capa Verde foi a pyra ardente em que se acrysolaram os ideaes de independencia de um povo soffredor e martyrizado.

O Regimento Diamantino foi instituido para regular a industria extractiva dos diamantes, tornando-a privilegio exclusivo da Corôa. Dahi por deante, em lapso de tempo que durou cerca de meio seculo, todos os diamantes encontrados no Tejuco eram de propriedade do Rei de Portugal.

O garimpeiro—a maior victima da Real Extracção—era a figura central, polarizadora do odio dos contractadores, com excepção de Felisberto Caldeira Brant—o protector dos pobres, o exemplo maximo de honestidade, o coração aberto a quantos lhe imploravam auxilio.

O Livro da Capa Verde articulava disposições absurdas sobre o systema processual, todo elle em segredo de justiça; estabelecia o pagamento pontual dos premios devidos pelas denuncias; conferia ao intendente competencia irrestricta para a equação de todas as questões contenciosas e administrativas, inclusive as de alta indagação, o que implicava na prohibição da entrada, no Tijuco, de qualquer advogado, mesmo formado, sob pena de prisão por 6 mezes, debaixo de chaves, no Rio de Janeiro.

Com a noticia da Independencia do Brasil, foi queimado, publicamente, o Regimento Diamantino, tendo sido, anteriormente, o instrumento vivo da Conjuração Mineira, pela revolta que causou a todos quantos viviam sob o jugo de ferro de um homem cruel.

A historia de Diamantina é, sem duvida, gloriosa, porque é accidentada de rasgos de bravura, de dôr, de lealdade, de altivez e de grandeza de sentimentos, que fizeram de seus filhos—homens de enfibratura moral inquebrantavel—legado precioso, imprescriptivel, inalienavel de nossos ancestraes.

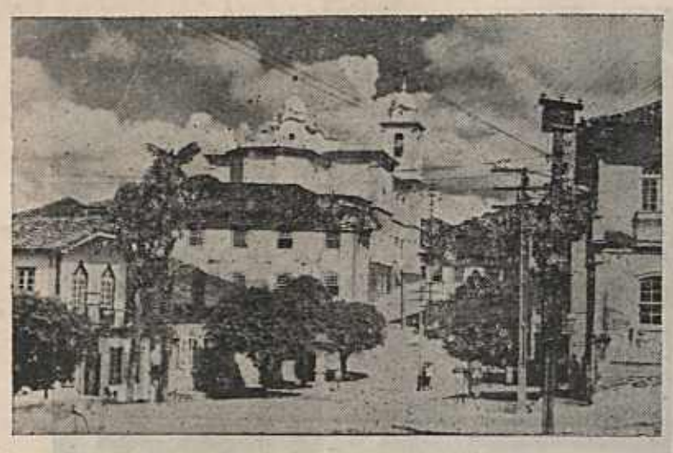
6/3/1938.

Mons. Antonio de Sousa Neves, virtuoso e inesquecivel Vigario de Diamantina.

Revmo. Sr. Padre João Tavares de Sousa, virtuoso e incansavel Vigario da Parochia.

Ha uma nobreza de espirito que cura melhor as feridas do que o fazem os remedios.—CAMMIRGHT.

Predio do Grupo Escolar "Matta Machado".



Praça do Forum, hoje Dr. Juscelino Kubitschek.

IMPRENSA DE DIAMANTINA

Ha 110 annos que, no historico e glorioso arraial do Tijuco (hoje cidade de Diamantina), appareceu o primeiro orgão da portentosa e sublime invenção de Guttenberg —a Imprensa.

Em 1828, conforme a chronica do passado, havia no velho Tijuco um intelligente joven, Manoel Sabino de Sampaio Lopes, simples ourives, sem educação acurada, mas que possuia imaginação viva, espirito inventivo e, sobretudo, nelle abundava um natural enthusiasmo pela liberdade: éra o tempo do despotismo de Pedro I.

Nunca sahira da comarca, nunca vira uma typographia, não possuia a menor idéa dessa portentosa invenção de Guttenberg: só sabia que, com a imprensa se fulminavam os despostas.

Liberal exaltado, emprehendeu fundar uma typopraphia no Tijuco, afim de publicar um periodico, contra o despota da época, D. Pedro I.

Dotado de energia e bastante coragem, faltavam-lhe, porém, os meios; mas não desanimou. Era ourives: formou facilmente uma matriz e se poz, habilidosamente, a fundir typos, auxiliado pelo não menos intelligente joven João Nepomuceno de Aguilar, tambem patriota e não menos dedicado á causa liberal.

Em breve Manoel Sabino viu consumados os seus intentos: uma pequena typographia foi montada e logo appareceu o *Echo do Serro*, primeiro periodico publicado no Tijuco.

E desde então, em Diamantina, têm sido publicados os seguintes jornaes:

1—Echo do Serro (ha 110 annos)		1328
2—O Diamantino		1832
3—O Exorcista		1833
4—O Tribuno do Serro		1833
5—O Jequitinhonha		1860
6—O Voluntario		1865
7—O Gaio		1869
8—O Estudante		1873
9—A Infancia		1873
10—O Catholico		1874
11—O Jesuitinha		1874
12—O Escolar		1874
13—O Monitor do Norte		1874
14—O Ensaio		1874
15—O Guarany		1878
16—O Itambé		1878
17—O Recreio Beneficente		1878
18—A Mocidade		1878
19—O Norte de Minas		1878
20—A Idéa Nova		1879
21—O Guaicuhy		1881
22—Vóz do Povo		1881
23—O Labaro		1881
24—O Futuro		1881
25—O Labaro do Futuro		1882
26—O Mineiro do Norte		1883
27—A Vóz do Seculo		1885
28—A Verdade		1885
29—O 17º Districto		1886
30—O Progresso		1886
31—Sete de Setembro		1886
32—O Normalista		1886
33—O Liberal do Norte		1887
34—A Propaganda		1888
35—O Tambor		1889
36—O 1º de Abril		1889
37—A Inveja		1889
38—A Cidade de Diamantina		1890
39—A Republica		1890
40—O Ensaio		1890
41—O Operario da Luz		1891
42—O Infantil		1891
43—A Tróça		1891
44—A Lanterna		1892
45—O Diamantino		1892
46—O Ensaio Infantil		1893
47—A Tribuna do Norte		1893
48—O Aprendiz		1893
49—O Municipio		1894
50—A União		1894
51—"O Povo"		1895
52—A Esperança		1899
53—A Voz Feminina		1900
54—O Garimpeiro		1901
55—O Tijuco		1901
56—O Itambé		1901
57—A Estrella Polar		1903
58—Boletim Ecclesiastico.		1903
59—O Jequitinhonha		1903
60—A Acayaca		1904
61—A Idéa Nova		1906
62—O Norte		1909
63—O Atomo		1909
64—Pão de S. Antonio		1906
65—A Menina		1907
66—O Pereréca		1908
67—O Norte (nova phase)		1909
68—Via Lactea		1909
69—Vida Escolar		1909
70—A Diamantina		1909
71—A Sentinella		1910
72—Cinema Pathé		1910
73—O Pirurúca		1915
74—O Recreio		1916
75—O Operario		1917
76—A Voz do Norte		1917
77—"Pão da Palavra"		1919
78—A Evolução		1921
79—O Momento		1922
80—A Sogra		1923
81—O Canarinho		1926
82—Diamantina		1926
83—A Messe		1927
84—O Estudante		1929
85—A Capistrana		1929
86—O Caçula		1932
87—O Martello		1933
88—Cangica		1934
89—A Colmeia		1935
90—A "Voz do Gremio"		1935
91—A Cathedral		1935
92—**Vóz de Diamantina**		1936
93—Anchiêta		1936
94—Mocidade		1936
95—A Violêta		1936
96—O Pequeno Polegar		1936
97—O Diamante		1937
98—O Tijucano		1937
99—O Gremista		1937
100—O Ensaio		1937

—Actualmente, em Diamantina, se publicam os seguintes: "Vóz de Diamantina", "A Estrella Polar", "A Messe", "Boletim Ecclesiastico", Mocidade", "A Colmeia", "O Ensaio", "O Gremista", "O Tijucano" e o "Diamante", estes ultimoscinco são folhas escolares.

- DIAMANTINA -

FAZ HOJE 100 ANNOS QUE FOI ELEVADA A' CIDADE, E 100 SÃO OS JORNAES QUE, ATE' HOJE, FORAM NELLA PUBLICADOS,

A CRUZ DO CENTENARIO

Grande commemoração da Cidade

—EM 5 DE MARÇO DE 1938—

A léste desta historica e tradicional cidade de Diamantina, antigo e florescente Tijuco, além do crystalino corrego Rio Grande, que maviosamente desliza, do ponto mais elevado da denominada Serra do Rio Grande, descança, desde éras remotas, uma humilde cruz de madeira, que o saudoso habitante desta cidade, Manoel Anastacio, houve por bem alli collocar, não sabendo nós, si em cumprimento de alguma promessa, ou se para attestar a sua fé catholica e devotado amôr pela religião.

E aquelle tosco madeiro, erguia-se, magestoso, sobre o grande rochêdo, entre flôrinhas nativas, como a mimosa *sempreviva*, não só symbolizando a fé que nos anima, vivica e consola, como servindo de um ponto de aprazivel passeio, de encantadora diversão, preferido para os convescotes das exmas. familias diamantinenses.

Foi, pois, esse o ponto escolhido, o unico perfeitamente adaptavel, e para nelle se collocar o Cruzeiro Luminoso do Centenario de Diamantina.

Quem alli fôr, por curiosidade, em cumprimento de voto ou passeio, não encontrará hoje nenhuma difficuldade para transpôr a serra. Uma optima estrada de rodagem, accessivel aos carros, foi alli construida.

Alli, o visitante, ou o romeiro, respira um ar puro e agradavel; alli, reanimam-se, recobram-se as forças, e, de subito, experimenta-se uma indisivel alegria, ante o bello panorama que se descortina, na vasta amplidão do horizonte!

Alli, pois, está erguido, o grande Cruzeiro do Centenario de Diamantina, todo luminoso, feito de cimento armado, e que attesta, de modo mais accentuado, a fé e o fervor religioso do nosso povo.

A PACIENCIA ENCURTA AS DISTANCIAS EM VIAGENS, SUAVISA OS SOFFRIMENTOS E FAZ ESQUECER AS INGRATIDÕES.

O BRASIL é o paiz, na America do Sul, que maior numero possue de estradas de rodagem.

E o NORTE DE MINAS é a região do Estado mais esquecida dos poderes publicos.

PROCUREM o Salão de barbeiro "S. ANTONIO", á Praça Mons. Neves, propriedade do habil cabellereiro Paulo Roque.

Uma carta é como uma visita; exige apresentação correcta e despedida amavel.

BÔAS-VINDAS

Ao Centro Diamantinense

Mãe, vimos hoje te beijar a mão.
Queremos te apertar em nossos braços,
Avivar o signal de nossos passos,
Neste bemdito e solido torrão.

No teu macio e grande coração,
Encontrarão os nossos membros laços
Repouso, após as dôres e os cansaços
Da nossa longa peregrinação.

Commemorando o alegre Centenario,
Como a marcar o novo itinerario
Do teu progresso, que é o nosso Ideal,

Consolando as saudades do passado,
Festejando o presente e — consolado,
Canta o sino da Sé na Cathedral.

Fevereiro de 1938. *Marianna Hygina.*

A nova Cathedral de Diamantina.

NOSSO PREFEITO

Diamantina muito tem lucrado com a administração do dr. Joubert Guerra.

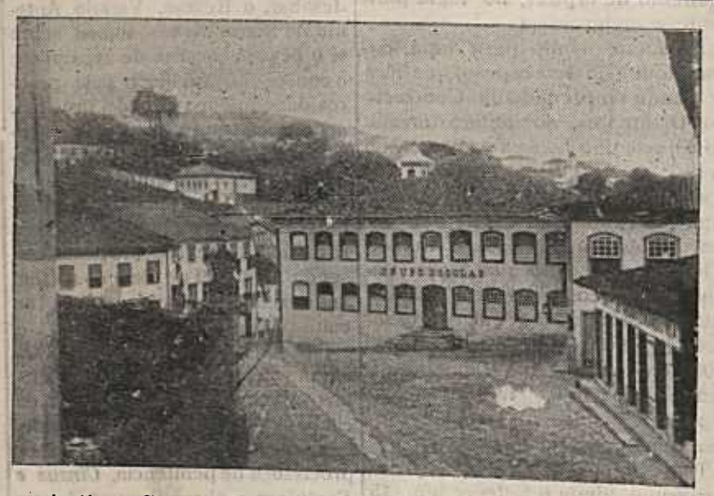
Quantas ruas e praças esquecidas vão agora recebendo beneficios valiosos!

A estrada de rodagem para o pittoresco ponto de diversão — Cruzeiro do Anastacio, foi agora por elle continuada até alli.

A illuminação da cidade vae sendo extraordinariamente melhorada, e as obras publicas, emfim, vão tendo grande incremento.

Em Diamantina, nota-se um surto de progresso.

Bem fundadas são, pois, as nossas esperanças, com a acção do illustre conterraneo, que vae revelando um administrador modelar.



Antigo Grupo Escolar, hoje Prefeitura Municipal.

A TAÇA

Tomei a taça, e, examinando, vi-a
De fino limpido chrystal formada,
Perfeita, clara, harmonica e ondulada,
Contendo dentro um nectar que tremia!

A febre me queimava. Em sêde ardia!...
Mãos tremulas, a taça desejada
Levei á bocca ardente e reseccada,
Tombando na profunda lethargia!

Mas n'essa queda lenta em que tragava
O nectar, percebia um goso infindo
E o fel que na garganta me amargava.

Quebrou-se a taça!... (não te rias louca!...)
Tu devias em vez de estar sorrindo,
—Afastar-me este calice da bocca!—

S. Paulo, 1º de Abril de 1902. *Salles Mourão.*

Diamantina

Hennst du das Land wo die Cintronen blüh'n?
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glüh'n,
Ein sauster Wind vom blauen Himmel weht,
Die Myrte still und der Lorbeer stelit,
Hennst du es wohl?

GOETHE.

Referindo-se a uma região divina, o poeta evóca todas as caracteristicas que a tornam gratissima aos olhos e á sensibilidade.

Lá estão os limoeiros floridos; aqui, as laranjas, verdadeiros pomos de ouro, adormecem nas folhagens espessas; e o myrto e o louro crescem, bellissimos, á luz daquelle céo azul.

Deixa-me evocar-te, ó Diamantina!

Quem te contempla, sente como tudo que te exorna, exalta a sensibilidade, despertada com a presença de uma visão original.

Si tua flóra apresenta esses mesmos fructos e plantas que encantaram o poeta, como ornamento dessa edenica paragem, tens a mais o teu aspecto topographico e outras riquezas.

As tuas serras parecem fitas que te dão graça egual á que as fitas dão aos cabellos das donzellas; no teu seio dormem as pedrarias de scintillações offuscantes, e de mistura com as areias alvissimas de tuas praias fulge o ouro tão caro ao coração do homem.

Teu céo é tão azul, como o céo dessa região evocada num momento de sonho.

Quantas vezes foste, tal como uma namorada, a preoccupação de cerebros e corações!

Foste a esperança do garimpeiro, que rasgou o teu seio á procura da gemma preciosa; foste o tormento do aventureiro, cuja cabeça escaldava ao pensamento de tuas riquezas; sonharam comtigo as mulheres bonitas, que almejaram possuir as tuas pedras; e, no mundo inteiro, milhões, entre os quaes reis e rainhas, ouviram o teu nome, aureolado de sonho e de lenda, e cobiçaram as tuas posses.

Por ti, muitos passaram noites indormidas; inspirados em ti, outros sonharam com a independencia da Patria; fizeram-se leis e decretos; mandaram-se á morte, e ás prisões, centenas!

Tens o grandioso destino das cousas que nasceram bellas e ricas!

O destino que te impelle, impelliu tambem a alguns dos teus filhos.

Elles brilharam como os diamantes que possues, e foram pela vida afóra guiados por uma felicidade que se desprendeu da tua, levados á posse da belleza e da riqueza espirituaes.

Alenta ainda, ó berço sagrado, aquelles dos teus que sentem os caminhos cheios de agrura, e desanimam, e se perdem no nada, trahindo a sua missão!

João Brandão Costa.

NO MUNDO PRESENTE TUDO E' EPHEMERO, NADA E' ESTAVEL.

O Brasil é tão grande que, si dividir a terra em nações, todas do mesmo tamanho, delle só poderá haver 15 nações.

Dividindo em nações do tamanho da Argentina, o Brasil daria 3. Dividido em nações do tamanho da Allemanha ou da França, daria 15 e ainda sobraria territorio egual ao da Italia. Dividido em nações do tamanho de Portugal, daria 60, e ainda sobraria territorio egual ao da Belgica, pois que o Brasil é maior do que a Belgica 284 vezes.

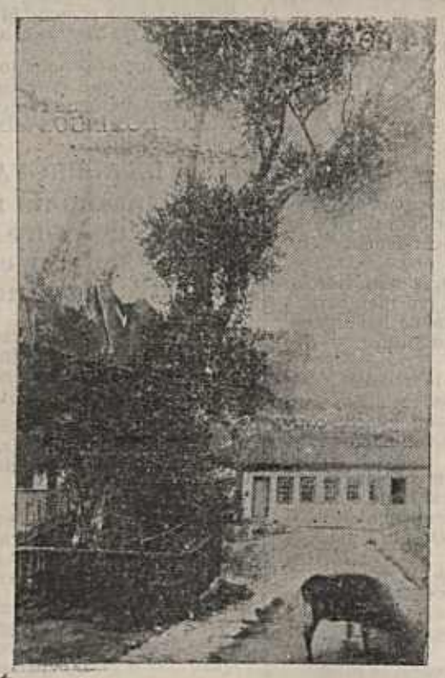
Age depressa, si desejas acertar; mas pensa e reflecte sempre devagar.

O Tijuco em 1820, vendo-se as tropas que conduziam diamantes, e a chegada dos forasteiros portuguezes.

RESUMO HISTORICO

DA FUNDAÇÃO DO ARRAIAL DO TIJUCO

As riquezas auriferas do Serro Frio, descobertas nos ultimos annos do seculo XVII, attrahiram aventureiros de varios pontos da capitania de Minas e de diversos logares, que corriam em busca do ouro. Chegando á vasta região onde hoje está edificada a cidade do Serro, ahi fundaram um arraial, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição do Serro Frio. Decorrido algum tempo, uma bandeira de aventureiros portuguezes, mamelucos e sertanistas, filhos de S. Paulo, talvez alguns dos quaes sahidos do referido arraial, vieram atravessando serras, rios caudalosos, e, chegando ás bordas do Jequitinhonha, principiaram um estabelecimento de mineração. Perseguidos depois pelas febres endemicas que ahi grassavam, por occasião das chuvas, seguiram rio abaixo até um pequeno corrego, que posteriormente tomou o nome de Santa Maria. Não encontrando ouro nessa paragem, resolveram mudar a exploração.

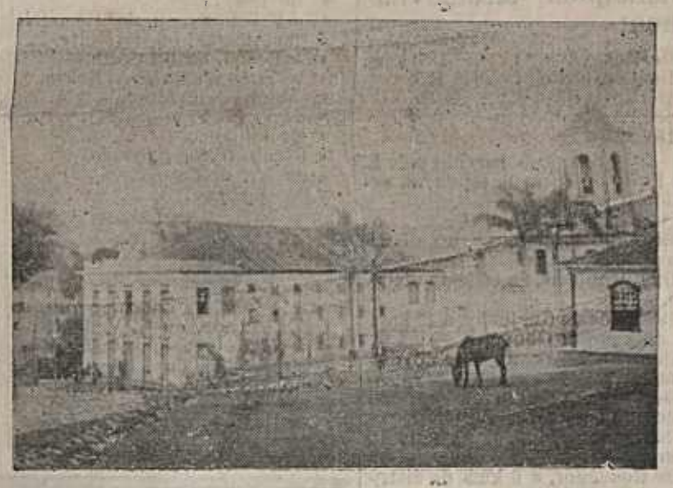


Resto da historica gamelleira da Cavalhada Velha, vendo-se o predio do Commendador Serafim Moreira da Silva.

Mas, ignorando o rumo que haviam de seguir, pois que não traziam bussola, não possuiam relogio e nem sequer conheciam estrellas, olharam para o Itambé, e, orientados por esse pharol granitico dos viajantes, deixaram o Jequitinhonha, que não puderam atravessar; seguindo para o occidente, subiram a grande serra que costeia o rio, acompanhando-o em suas voltas e torcicollos.

Depois de um dia de penosa jornada, por terrenos invios, quasi intrasitaveis, chegaram á confluencia de dous corregos, que posteriormente tiveram os nomes de Pirurucá e de Rio Grande. Nesse ponto discutiam por qual dos rios deviam subir. Opinavam uns pela direita, outros pela esquerda. Louvaram-se no acaso, desenrolaram a bandeira e levantaram-na ao ar; o vento soprava de S E., a flammula voltou-se para a esquerda: foi isso interpretado como um signal de providencia. Os aventureiros seguiram pelo Piruruca acima. Subiram um quarto de legua até quasi ás suas cabeceiras. A noite cahia. Levantaram barracas na margem direita do corrego, e ahi pernoitaram.

No dia seguinte fizeram uma prova para conhecerem si o terreno era aurifero. Apanharam do leito do corrego um saibro grosso, claro, de envolta com pedras miúdas: é o que se chama piruruca em linguagem de mineração, e foi o que deu nome ao corrego. Lavaram-no, e encontraram ouro em abundancia. Trataram logo de se estabelecer. Exploraram as margens do refido corrego, e conheceram que tambem eram ricas. Corre a noticia do *descoberto*. Chegam outros aventureiros da Conceição e circumvisinhança. O terreno é vasto e promette accommodar a todos; por isso, não apparecem dissensões e rivalidades. A população vae se augmentando, levantam-se alguns ranchos, e o logar em breve offerece o aspecto de um pequeno arraial. Pouco tempo depois do estabelecimento deste povoado, outra bandeira de aventureiros, seguindo o mesmo roteio da primeira, chegava ao mesmo ponto de confluencia do Rio Grande e do Piruruca. Estando já occupado o lado esquerdo, seguiram pelo lado direito, Rio Grande acima. O corrego tomou este nome emphatico só por ser um pouco maior que o Piruruca. Foram, pois, fraldejando o morro, que se eleva na margem direita do corrego, e haviam caminhado um quarto de legua, quando esbarraram ante um tremedal, que não puderam atravessar, por cima do qual serpeava um arroio, que, nascendo no flanco oriental do morro, ia a pouca distancia perder-se no Rio Grande. Deram ao referido arroio o nome de Tijuco, palavra que na lingua indigena quer dizer *lama*.



O velho e historico Theatro S. Izabel, em cuja porta se reunia, ás tardes, os membros do "Club da Thesoura". Demolido pela proprietaria, a Irmandade de Santa Izabel, e tendo sido vendido o terreno para a construcção da actual Cadêa Publica.

Exploraram o terreno e encontraram ouro em tal abundancia, como não havia noticia de existir em alguma outra parte da capitania. As terras auriferas extendiam-se desde a raiz do morro até o alto, e espraiavam-se pelas margens e leito do Rio Grande e de um seu affluente, que nasce na serra fronteira, ao qual deram o nome de S. Francisco. O leito do Tijuco ainda era mais rico, e era natural; para ahi corriam as aguas nativas e pluviaes do flanco do morro. Sastisfeita com este rico *descoberto*, a horda aventureira fez o seu primeiro estabelecimento na margem direita do Tijuco, no logar a que deram o nome de *Burgalháu*, que ainda hoje conserva, ignorando-se a sua significação e etymologia. Com a noticia das riquezas do novo descoberto, affluiram, como succedera no Piruruca, outros mineiros abandonando lavras já exploradas, que vieram pelo sul, e a povoação foi se augmentando e derramando pela vertente do morro.

Eram assim duas povoações ainda nascentes, fracas, baldas de recursos e forças sufficientes, para, num deserto infestado de animaes bravios e de inimigos encarniçados, os indigenas, poderem subistir separadas; convinha que se reunissem. O Tijuco, embora mais recente, já era mais populoso, offerecia lavras mais ricas, mais vastas, mais duradouras; e, assim, naturalmente, os mineiros do Piruruca o foram abandonando, até que se passaram para o Tijuco, que ainda teve esse accrescimo de população de homens industriosos. Por esta fórma o Tijuco foi se tornando importante. Todo o Burgalháu cobriu-se de ranchos ou colmados, e levantou-se um mais alto, melhor construido, mais espaçoso, que se destinou para capella. Escolheu-se Santo Antonio para padroeiro, consagrou-se-lhe a capella, e veio do arraial da Conceição um sacerdote, que, segundo consta, chamava-se Paiva, e ficou servindo de cura. Assim o Tijuco constituia-se um arraial, tomando o nome do corrego, junto do qual foi fundado, e o morro tomou o nome de *morro de Santo Antonio*, que os indios denominavam de *Ibityra*.

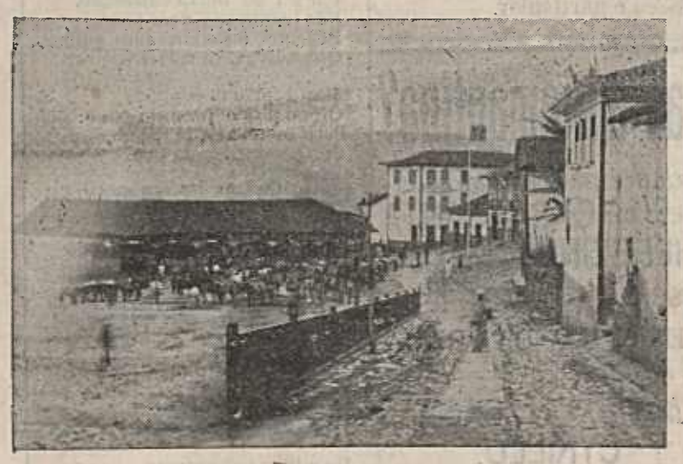
Segundo a tradição, o arraial do Tijuco só occupava o cirauito que abrange as actuaes ruas das Beatas, do Burgulháu e do Espirito Santo, além de um colmado mais adiante. O largo do Bomfim era uma verdejante campina, sombreada por uma copada gamelleira, onde, á tarde, costumavam reunir-se os habitantes fatigados do trabalho do dia, a espairecerem em uma innocente e folgasona palestra. A rua Direita e o largo de S. Antonio, hoje aformoseados com excellentes edificios, eram uma densa matta, onde os mineiros cortavam madeira para o lavor e construcção de seus humildes turgurios. Gigantescos tóros de braúna e de peroba foram cortados em um torrão mais fertil onde é o Arraial de Baixo, suburbio da cidade, e que então era um covil de féras bravias. As ruas do Macáu, Chafariz, S. Francisco e Cavalhada, descendo da Gupiara até o Rio Grande, eram um vasto tremedal que, no tempo das aguas, alagava-se, tornava-se intransitavel e servia como de barreiras ás férias, que, acossadas pelos indios, subiam pelo desfiladeiro apertado do Arraial de Baixo. Continuadamente foram chegando mais habitantes para o Tijuco, e se espalhando pelas terras ao redor em busca de novas lavras.

Fizeram-se exploraçõrs, descobriram ricos serviços no leito dos rios Jequitinhonha, do ribeirão do Inferno, dos Caldeirões, nos campos dos Crystaes, em Dattas, no Brumadinho, etc.

Foram-se formando, assim, novas povoações nas circumvisinhaças do Tijuco, que era o nucleo de que todas dependiam não só por ser a mais importante, como por possuir a capella unica, que então existia.

Assim, pois, nasceu o Tijuco, que é hoje cidade Diamantina, cujo nome tirou da sua situação no centro do districto diamantino.

(Das M. do D. Diamantino).



Praça Barão de Guaicuhy, antiga Cavalhada Nova, vendo-se o mastro do Divino e o velho Mercado Municipal.

COISAS DO MUNDO

Vi o coveiro abrir a sepultura,
E, sorrindo, tirar de dentro della,
Um destroço esqueletico da altura
Duma pequena e juvenil donzella.

Notei que havia algum primor naquella
Massa arrojada na feral planura...
Fôsse o despojo de uma joven bella,
O coveiro sorria com friura.

Disse, apontando a ossada carcomida:
—Está—eu a conheci—foi o terror
De quant'alma lhe deu paixão sentida;

Hoje, no emtanto, o rude cavador
Esmaga aos pés a que esmagou em vida
Tanta esperança a rebentar em flôr.

RODRIGO THEOPHILO.
(Diamantinense).

Capella do Bambães

Capella de Nossa Senhora da Soledade, que existia no pittoresco bairro do Rio Grande, desta cidade, geralmente conhecida pelo nome de Capella do Bambães, por ter sido Bernardino V. Couto, vulgo Bambães, quem iniciou, ha uns 55 annos, mais ou menos, a sua construcção.

Começando a desabar, foi ordenada a sua demolição, pelo então Prefeito Municipal Francisco Netto Motta.

Não obstante varias tentativas, nunca chegou a ser acabada.

Bambães, que era official de carpinteiro, e que a todos chamava de «Meu Bello», idealizára o levantamento da Capellinha, deante do antigo cruzeiro, que ainda hoje alli se venera.

Vindo a fallecer, deixou a obra por concluir.

Logo que iniciou a construcção da capellinha, arranjou 2 andôres e, em cada um, collocou pequeno sino.

Sahia com a meninada pelas ruas da cidade, esmolando, de porta, em porta, sendo carregados pelos meninos os 2 andôres.

Bambães cantava versinhos de sua lavra, e a garotada respondia, ao som dos repiques festivos dos sinos.

Um dos versos era, mais ou menos, assim:

«A esmolas que déres ao sino,
Em favor da virtude e humanidade,
Tudo póde fazer a vóz divina,
Pelo bem e amôr da eternidade.»

Essa capella, que desappareceu, ha pouco, nunca foi benta, não tendo, portanto, chegado a ser entregue ao culto publico.

VEM A DIAMANTINA?

Não deixe de procurar a casa Motta Filho & Cia., á rua Dr. Corrêa Rabello

"O Brasil"

Com sua apreciada edição, de 15 de Fevereiro ultimo, entrou esse brilhante confrade de Montes Claros, em seu segundo anno de existencia util e proveitosa á sua cidade e á nossa patria.

Saudando-o, auguramos-lhes novas prosperidades, longos annos de vida e loiros na lide da imprensa.

E' PROHIBIDO

Andarem soltos nas ruas animaes, cavallar, vaccum, muar, cães, cabritos, carneiros, etc., etc., é prohibido.

Optimas medidas, sem duvida, mas urge sua execução.

Outra disposição que existe só no papel:

E' prohibido todo animal conservado e estacionado em qualquer rua da cidade, principalmente, nas ruas estreitas e bêcos.

Custa 15$000 a assignatura annual da "VÒZ DE DIAMANTINA".

A constancia é o segredo do SUCCESSO.

Dr. Ephygenio Salgado
CLINICA GERAL
Consultorio:
RUA DIREITA
Diamantina—Minas

Municipio de Diamantina

Distancias da séde aos districtos:

A Buenopolis	111	kms.
A Campinas	72	«
A Cons. Matta	42	«
A Curimatahy	108	«
A Dattas	30	«
A Extracção	12	«
A F. Caldeira	42	«
A Gouvêa	36	«
A Guinda	12	«
A Inhahy	43	«
A Joaquim Felicio	120	«
A Mercês	72	«
A Rio Manso	34	«
A S. João da Chapada	30	«
A Tijucal	48	«

Diamantina dista dos municipios circumvizinhos:

De Bocayuva	186	kms.
De Conceição	120	«
De Curvello	160	«
De Itamarandyba	120	«
De Serro	60	«

—O Municipio é servido pela E. de F. C. do Brasil, tendo as seguintes estações:

De Diamantina, na séde.
De Augusto de Lima, no districto de Buenopolis.
De Buenopolis, na séde do districto.
De Barão de Guaicuhy, a 18 kms. do districto de Gouvêa.
De Cons. Matta, na séde do districto.
De Curumatahy, a 12 kms. da séde do districto de Curimatahy.
De Joaquim Felicio, na séde do districto.
De Rodeador, a 6 kms. do districto de Cons. Matta.

Estôjo completo para escriptorio

Paulo Clementino da Silva, nosso intelligente conterraneo, sendo um operario-marceneiro muito habilidoso, fez um trabalho de arte, e que revela sua paciencia, para figurar na Exposição Municipal. E' um estôjo de madeira, completo, para escriptorio.

Papagaios de papel

A Prefeitura precisa cohibir a soltura dos papagaios de papel, nas ruas da cidade, para evitar as inconveniencias que trazem á illuminação publica e particular.

Vae a Diamantina?

Procure para tomar refeições a CASA SANTA THEREZINHA. Maximo asseio. Preços modicos.

ESQUINA DA PRAÇA FRANCISCO SA'.

ANNEXO Á CASA CYRILLO.

Dirigida pela proprietaria—Nenen Santos.

A DIAMANTINA

ANTIGA E MODERNA

Ruas, bêcos, praças, villas, avenidas e bairros

ALTITUDE DE DIAMANTINA—A' Praça Dr. Corrêa Rabllo (Cathedral)—1.200 ms. VENDA NOVA—1.146 ms. Alto da Venda Nova—1.251.

—NOMES DAS RUAS—

R. Direita, ou do Tiradentes.
R. da Quitanda, ou dr. Fransisco Sá.
R. da Romana, ou da Liberdade.
R. do Burgalhau, ou do Progresso.
R. da Gloria, ou dr. Alvaro Matta.
R. S. Lessa, ou Atráz das Mercês.
R. Manoel Cyriaco, ou M. de Baixo.
R. Th. Ottoni, ou Macau do Meio.
R. da Caridade, ou Dr. J. Antonio.
R. Lalau Pires, parte da Tiradentes.
R. Cruz das Almas, Alto da Poeira.
R. do Contracto, ou Dr. J. Barbosa.
R. do Bomfim.
R. do Amparo.
R do Rosario.
R. do Carmo.
R. Campos Carvalho.
R. das Mercês.
R. Dr. Joaquim Felicio.
R. do Fôgo.
R. da Luz.
R. do Meio.
R. da Gupiara.
R. das Monteiras.
R. das Pedras.
R. de S. Francisco.
R. Municipal, (Esta precisa ser mais cuidada).
R. do E. Santo.
R. das Beatas.
R da Sambambaia.
R. do Rio Grande.
R. do Areão.
R. Caminho do Carro (Descida para o Lava-Pés).
R. da Taborda.
R. Augusto Nelson.
R. Guttenberg, antigo Bêco do Coqueiro.
R. Jôgo da Bola.
R. das Biquinhas.
R. Farinha Sêcca.
R. Vicente de Figueiredo.
R. Maurity (desapparecida).

—NOMES DOS BÊCOS—

Bêco do Amparo.
« da Cadêa.
« « Tecla.
« do Lulú Quirino.
« « Ezequias.
« « Luiz Torres (sem sahida), na Cavalhada Velha.
« « Coqueiro.
« « João Pinto.
« « das Monteiras.
« do Moinho.
« dos Berens.
« do Juca Neves.
« « Antonio Pedro.
« « Gaivota.
« « Jeronymo Alves.
« « Amontolia.
« das Mercês.
« do Pinta Rato.
« « Tertuliano de Mattos.
« das Monteiras.
« da Pelonia ou das Pedras (Rio Grande).
« das Cayeiras.
« da Paciencia.

Inauguração da Estrada de Ferro em Diamantina, aos 3 de Maio de 1914.

« Travessa do Carmo.
« do José Leite.
« « Felisberto, ou do Hospital.
« do Alecrim, ou do Motta.
« « Penna, ou do Córte.
« « Travessa da R. A. Nelson.
« Modesto de Almeida.
« da Tasca (sem sahida).
« do Fintador.
« Escuro (desapparecido) (*)
« da Av. da Saudade.
« do Quebra...

—NOMES DAS PRAÇAS—

Praça D. João, ou Largo do Curral.
« Dr. Prado, ou C. Velha.
« Barão de Guaicuhy, ou C. Nova.
« D. Joaquim, ou L. do Rosario.
« Silveira Lôbo ou do Hospital.
« Conselheiro Matta.
« do Bomfim, hoje, Mons. Neves.
« Dr. Corrêa Rabello, ou L. da Sé.
« Dr. Carlos Ottoni.
« Antonio Eulalio.
« Arraial dos Fôrros.
« Largo da Luz.
« Praça Dr. Sá (em frente á Estação da Central).
« Praça Dr. Juscelino Kubitschek (ao lado do Forum).

--NOMES DAS AVENIDAS--

Avenida 3 de Maio.
Avenida da Saudade.

— NOMES DAS VILLAS —

Villa M. Vianna (Novo Quartel).
« S. Vicente (pobres de S. Vic.)
« Operaria (Pulcheria).
« da Serra (Rio Grande).

—NOMES DOS BAIRROS—

Bairro da Palha (mais baixo hab.)
« do Rio Grande.
« da Venda Nova (mais alto hab.)
« do Arraial dos Fôrros.
« dos Quatros Vintens.
« do Arraial de Baixo.
« de Cruzeiro do Jacintho.
« das Bicas.
« do Paula Vieira.

NOTA.—Existe ainda uma rua nova, sem nome official,—a que começa do Largo de D. João, onde se vêm pequenas construcções modernas. A essa poderia a illustrissima Camara Municipal dar o nome do inconfidente diamantinense Padre Rolim.

(*) O Bêco Escuro, que communicava a rua da Quitanda, com o Bêco do Motta, foi fechado pela Municipalidade.

Meu testamento a bordo da Canôa Silveira, em viagem para o Piçarrão, a 14 de Agosto de 1886

A morte tem seus repentes,
Deita a foice a qualquer hora;
Por cautela vou fazer
O meu testamento agora.

A vez primeira em canôa
No Rio das Velhas me arrisco,
Posso morrer afogado
E ser dos peixes petisco.

TESTAMENTO

Em nome das Tres Pessôas
Da Trindade Santa, Amen.
Vou testar grandes riquezas,
Sem possuir um vintem.

Devo dizer que meu seja,
Pois a lei o determina:
Nasci d'entre o *Zé-povinho*,
Na cidade Diamantina.

Por ser de baixa extracção,
Não tenho eira nem beira;
Por me faltarem *cum quibus*,
Quasi fico sem carreira.

Mas a fortuna propicia
Olhou p'ra o filho do povo:
Para os felizes, lá dizem,
Certo animal bota ovo.

Fui caixeiro e besuntão,
Como a todos é notorio,
Hoje sou padre da roça
E professor relamborio.

Os magros cobres que tenho
Em poder dos fintadores
Deixo p'ra dizerem missas
Por alma dos moedores.

Os alfarrabios inuteis
Que são das traças viveiros
Deixo todos para embrulho
Das bombas dos fogueteiros.

Da minha batina rota
E da côr dos periquitos
Se façam opas das almas
Para alguns irmãos contrictos.

Minhas botas, onde os ratos
Já fixaram residencia,
Devem ser, por bom direito,
Da ratesca descendencia.

Os meus oc'los, já sem vidros,
Que brilharam em meu nariz,
Deixo em signal de lembrança
Ao sacristão da Matriz.

Como sempre, toda noite,
Divertiam-me os ratinhos,
Lhes deixo o meu guarda-chuva
P'ra circo de cavallinhos.

As pulgas e persevejos
Que me affligem noite e dia
Peço ao meu testamenteiro
Que applique em obra pia.

Como amolar a paciencia
E' obra pia excellente,
Vou deixal-os aos que fazem
Vida santa e penitente.

Aos que tem gengivas nuas
E riem a todo momento
Deixo os meus dentes postiços,
Necessario complemento.

Como bom emancipista,
Tenho a todos por irmãos.
Deixo fôrros quatro escravos,
—Isto é, meus pés e mãos.

Os peixes peçam á terra
Legal auctorização,
P'ra tirarem no meu corpo
Cada qual o seu quinhão.

Para o céo deixo minh'alma,
Si acceital-a... que pechincha!
Será a derradeira manta
Que passarei ao Cachincha.

Ao Gregorio daa Cabaças,
Homem pobre e galhofeiro,
Peço a esmola e caridade
De ser meu testamenteiro.

Para só não roer osso,
Que seria coisa dura,
Minhas calças remendadas
Lhe deixo de molha dura.

Eis aqui meu testamento,
Não pensem que é brincadeira.
Ahi vae meu nome espichado:
—PADRE DOMINGOS MOREIRA.

AUTO DE APPROVAÇÃO

Do testamento do muito reverendo Padre Domingos Moreira, como abaixo se declara

Saibam quantos isto lerem
Que aos dezesete de Agosto
Do anno de oitenta e seis,
Pouco depois do sol posto,

Na fazenda do Angical,
Do Vigario Joaquim Luiz,
Aonde achei-me presente
Com licença do Juiz.

Ahi sendo, o muito illustre
Padre Domingos Moreira,
Com um grande papel na mão,
Falou-me desta maneira:

«Aqui tem meu testamento
Que a minha vontade expressa
E quero que m'o approve
Quanto antes, já, depressa.»

Recebido, fui correndo
Por elle os olhos, sem ler,
E logo, de penna em punho,
Fui cumprindo o meu dever.

Não tem emenda nenhuma,
Nem borrão, nem entrelinha,
Ou coisa que faça duvida,
Juro assim por vida minha.

Por achal-o regular
Em tudo que manda a lei,
Dou-lhe a minha approvação,
Eu, Tabellião d'El-Rei.

Serviram de testemunhas
Pedro Pato e João Moella,
Joaquim Dungas, Luiz Baêta
E o tenente João Gamella.

P'ra constar, lavro este termo
No já dito mez e anno,
E assigno em publico e raso
—O PADRE SEVERIANO.

15$000

E' o preço da assignatura da "Vóz de Diamantina", d'agora em diante.

O AMÔR DE DEUS E' A UNICA VERDADEIRA GERATRIX DO AMÔR DOS HOMENS.

Antonio de Padua Oliveira, insigne artista diamantinense, executor da bella taça do Centenario.

ESTA' NOS EXEMPLOS E ACÇÕES O RETRATO DO HOMEM DE BEM.

Amelia Mattos Cordeiro

Falleceu a 5 de Fevereiro ultimo, em Parahyba do Sul, Estado do Rio, Amelia Mattos Cordeiro.

Oriunda do Municipio de Santa Thereza de Valença, era D. Amelia, viuva de Genuino Cordeiro do Couto.

Fizera seus estudos no Collegio de Santa Isabel, de Petropolis, casando-se em 1891, na Fazenda de Santa Rosa.

De seu consorcio com Genuino Cordeiro, deixa vivos os seguintes filhos: *Maria do* Carmo, Genuino Junior, Padre Gaspar, Odilla (Irmã de Caridade) Vicente, Castorina e Ary.

Depois de collocados os filhos, D. Amelia se dedicou, com assiduidade, ao serviço da Religião Catholica, applicando-se com especial zêlo á Irmandade da Terra Santa, por ser a «*Terra de Nosso Senhor*».

Na sua ultima enfermidade, fez com calma e justiça o *testamento* de seus bens em favôr dos filhos.

Falleceu confôrtada com todos os sacramentos da Igreja, e rodeada do carinho inexcedivel das Irmãs de Caridade do Asylo e Hospital de Parahyba do Sul.

A missa de corpo presente e o enterro foram feitos pelo bondoso Vigario da cidade e capellão do hospital, que tudo fizeram, afim de consolar o coração enluctado do seu collega de sacerdocio, Sr. Padre Gaspar, a quem, embora, tardiamente, levamos nossas sinceras visitas de condolencias.

O Sr. Pe. Gaspar approveita a occasião para agradecer aos collegas de Parahyba e ao bom povo daquella cidade fluminense, a caridade que tiveram para com toda sua familia. Outrosim: Agradece ao Sr. Arcebispo, ao Seminario, ao Pe. Barros, aos sacerdotes do Palacio e de Diamantina, os pesames recebidos; e tambem agradece a sociedade do Perpetuo Soccôrro e aos amigos e conhecidos os pesames que lhe levaram, pessoalmente, ou por cartas.

OS ANNUNCIOS REPETIDOS E CONTINUADOS PROPORCIONARAM-ME A FORTUNA QUE HOJE POSSUO.
—STWART.

PAGAMENTO de assignatura e de quaesquer publicações, se fazem adeantadamente.

RECOLHIMENTO DOS POBRES DO PÃO DE SANTO ANTONIO

Após 32 annos de pelejas, vencendo obstaculos e esquecendo dissabores, alli em baixo, no sopé deste monte, que os indigenas denominavam *Ibityra*, e em cuja encosta se edificou a Diamantina; alli em baixo, num terreno pedregoso, safáro e agreste, bem em frente onde, outr'ora, eram *solennemente*, suppliciados os condemnados á forca de tripeça; alli está um modesto asylo, que abriga e ampara os pobres velhos, cégos e aleijados desamparados.

Não ha hoje quem venha a Diamantina que não procure visital-o e não leve delle lisongeiras impressões.

Singelo, sim, é o edificio, que hoje se compõe de 10 pavilhões, com varias dependencias e uma capella no centro, communicando-se todos por extenso alpendre e com um novo passadiço, que o liga ao Pavilhão "D. Serafim".

Recolhimento dos Pobres do Pão de Santo Antonio é o seu nome; e a historia de sua fundação, que alongaria, demasiadamente, este trabalho, escripto ás pressas, resume-se nisto:

Corria o anno de 1902, e o assumpto que preoccupava seriamente a attenção do bom e generoso povo diamantinense eram as promessas fabulosas do Rei dos Diamantes (William G. Mayer).

Secretario, que era eu da Pia União do Pão de Santo Antonio, associação fundada nesta cidade, aos 14 de Julho de 1901, pela iniciativa do illustre conterraneo, sr. Dr. Francisco Brant, cogitei em obter recursos para edificar abrigos destinados aos pobres velhos abandonados, da minha terra, e que viviam perambulando pelas ruas, dormindo ao relento, sem pão e sem tecto.

Como, porém, iniciar a obra sem um vintem?

Tive uma idéa feliz; organizei um plano de pequena loteria de .... 200$000, determinando 150$000 para premios e 50$000 de beneficio, mediante o preço de 1$000 o bilhete. Em continente, transformei em realidade a idéa da loteria, expondo logo a venda os bilhetes da primeira extracção.

O primeiro obstaculo tambem não se fez esperar: «Não cuides disso não; não é com loterias de 200$000 e beneficio de 50$000, que conseguirás o teu grandioso, mas implaticavel intento. O Rei dos Diamantes, homem cavalheiro e rico, dispondo de avultada fortuna, vae gastar uns quatro mil contos de réis, na construcção de um grande hospital para os pobres de Diamantina, tendo já reunido uma commissão de medicos, para escolher o local, que deverá ser o Paula Vieira.»

Realmente, quem conheceu o Mayer em Diamantina, naquelle tempo em que elle comprava a bons preços lavras diamantiferas e tambem *nabos em saccos*, espalhando dinheiro a granel, não podia duvidar que fôsse uma realidade o projectado asylo.

Antes de Mayer, convem citar uma sociedade protectora de invalidos, que foi aqui organizada, já com o capital em cofre de cincoenta contos de reis, pelo saudoso commendador Rezende.

Apenas sei que foi adquirido o terreno do Paula Vieira, onde levantaram muros de pedras, e que o saldo dessas despesas, na importancia de quatro contos de réis, assim como o terreno referido, passaram á Santa Casa de Caridade, desta cidade, em virtude de disposição dos Estatutos legaes da tal Sociedade Protectora de Invalidos, extincta.

Desanimado e dissuadido de minha idéa, ia retroceder, quando um amigo, que Deus o tenha no céo, animou-me a proseguir, o que fiz, apurando da primeira extracção da loteria, a quantia de cincoenta mil réis, com que iniciei a primeira construcção, após a concessão do terreno pela illustrissima Camara Municipal, de que era Vice-Presidente e Agente Executivo Municipal, em exercicio, o saudoso patricio, prof. Arthur Queiroga.

Foi, então, no dia 5 de Agosto de 1902, ás 2 horas da tarde, que foi levantado o primeiro esteio do Recolhimento dos Pobres do Pão de Santo Antonio, naquelle pittoresco Bairro do Rio Grande, sem nenhuma solennidade, para a tentativa de um emprehendimento, que os diamantinenses daquelle tempo, julgavam uma utopia, phantasia ou loucura de moço inexperiente.

Além do vosso relator, assistiram ao levantamento do primeiro esteio de aroeira os conterraneos Arthur Queiroga, Assis Moreira da Silva, José da Cunha Valle Laport, Vicente dos Santos Pacheco e Americo Diamantino Costa França (o unico sobrevivente), os quaes se achavam num pequeno serróte proximo, em amistoso convescote, vendo o que exponho, em estylo despretencioso e simples.

Tambem apparecera alli, na occasião, o saudoso José Joaquim da Conceição, vulgarmente conhecido na cidade pelo appellido de Juca Boi, que alli extendera bandeirolas multicôres em hastes de bambú.

Prohibida a extracção das pequenas loterias pela Chefia de Policia do Estado, por intermedio do então delegado de policia, capm. Gasparino Brandão, de saudosa memoria, isto em virtude de denuncia maligna partida desta cidade, não desanimei, comtudo: lancei mão das kermesse e prosegui.

A 19 de Outubro de 1905, foi benzito pelo saudoso Padre Porphyrio Fernandes de Azevêdo, acolytado pelo Revmo. Padre Manoel Roque Martins Penna, tambem já fallecido, o primeiro pavilhão do Recolhimento, que foi inaugurado no dia 26 de Outubro do mesmo anno, com o asylamento do cégo Juvenato Corrêa de Amorim e sua velha mãe, Rosaura Corrêa de Amorim.

Era vóz geral, em Diamantina, que o asylo do Pão de Santo Antonio ficaria naquella simples casinha; apparecendo, entretanto, quem dizia ser possivel a construcção de mais uma, *si* o William G. Mayer—Rei dos Diamantes, cumprisse os contractos de compras por opção, das lavras diamantinas.

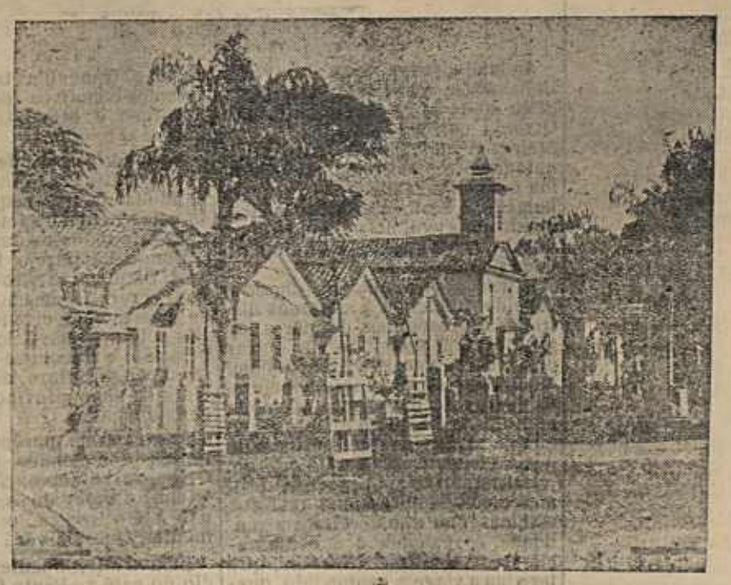
Assim, porém, não aconteceu: o Rei dos Diamantes ficou pobre, e, alli em baixo, no sopé deste monte de Santo Antonio (o *Ibytira* dos indigenas), está a obra maravilhosa, a Deus somente pertencendo o incremento que ella tomára e os fructos sazonados que vae produzindo, sob a operosa acção do seu glorioso Patrono—o grande Thaumaturgo Santo Antonio.

Disse, certa vez, em util e proveitosa homilia, pregada ao Evangelho de uma missa de domingo, na poetica capella do Recolhimento dos Pobres, o saudoso Mons. Domingos Pimenta: «Aqui, desde que se collocou o primeiro alicerce, veio morar, debaixo de uma das lapas, o demonio; de vez em quando, elle tenta sahir fóra, para derrubar esta grande obra de Santo Antonio. Graças ao poder do maravilhoso Santo, esse grande inimigo do bem, tenta e chega mesmo a pôr de fóra a pontinha da cauda, mas logo vê-se obrigado a recolhel-a!

E os factos..., leitores amigos, não parecem confirmar o que disse o velho sacerdote?

Aqui está, em resumo, a historia interessante da creação desse „Pão", que já teria, ha muitos, sido *devorado*, si não fôsse o *fermento* com que o prodigioso Santo Antonio o amassou...

J. Augusto Neves.



Vista externa do Recolhimento do Pão de S. Antonio.

CLOVIS HUGO

Chegou, ha pouco, da Capital, d'onde trouxe as melhores marcas de Radios—ultimos modelos da afamada marca

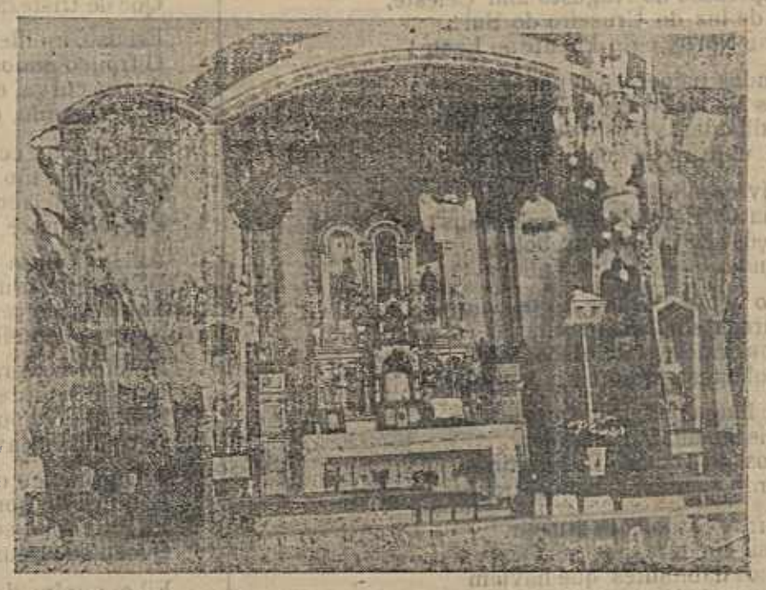
"CROSLEY"

PREÇOS: De 680$ até 4:250$000.

RADIOS PARA AUTOMOVEIS E PARA ACCUMULADORES (baterias).

Visitem, sem compromisso, a Casa de CLOVIS HUGO, agente auctorizado da Casa Mestre & Blagé.

Rua do Rosario—DIAMANTINA.



Interior da Capella do Recolhimento dos Pobres.

Bento Epaminondas

Não sabe a nova geração diamantinense quem foi Bento Epaminondas.

Era rabula intelligente e espirituoso, que nos deixou sobre as ruas de Diamantina, o seguinte trocadilho:

Rua Direita—a mais torta.
Rua da Luz—a mais escura.
Rua do Amparo—a mais desamparada.
Rua do Bomfim—a que tem mau fim.

Realmente, a nossa rua Direita é torta; a rua do Amparo, por longos annos, esteve em completo desamparo; a rua da Luz, nos tempos da illuminação a azeite fumarento e kerózene, se conservava, constantemente, ás escuras; finalmente, a rua do Bomfim, naquelle tempo, realmente, terminava na cadêa velha, existindo ainda, na cidade, um bêco, que conserva o nome de Bêco da Cadêa.

SO' GOZAM DA VIDA OS QUE A EMPREGAM EM COUSAS BELLAS.—Dumas Filho.

Por occasião do fallecimento do joven Washington Tolentino

Teus paes deixaste e os companheiros teus
Em luctuosa magua indefinivel,
Em pranto amargo d'uma dôr sem nome,
Nas duras ancias de um tormento horrivel.

Deixaste o mundo no florir da edade
Na mais florida quadra da existencia;
E voejando, qual doirado cysne
Que abandona os vergeis da adolescencia.

Vejo-te a fronte juvenil e pallida.
Teu gesto jovial e encantador;
Porém... que sonho m'embriaga a mente
Neste momento de terrivel dôr!

. . . . . .

Como é pungente esta visão, meu Deus!
A quanta angustia este scismar m'arrasta!
Penso que o vejo inda na Escola; emtanto,
E' a sombra sua que de mim se afasta!

JOÃO FAUSTO DE AGUILAR.
(Diamantinense).

EM 1870, já funccionavam em Minas Geraes, tres Escolas Normaes: a de Diamantina, Ouro Preto e Campanha.

Archidiocese de Diamantina

A Archidiocese de Diamantina conta 57 freguezias, estando 42 providas de vigarios de 15 não providas.

O Cabido Metropolitano consta de 8 membros-conegos.

A Archidiocese conta 19 padres não vigarios.

O Seminario conta 7 padres lazaristas.

Missionario lazaristas, 2.

Coadjuctores de Freguezias, 5 Redemptoristas, residentes em Curvello, 8.

Irmãos leigos, 5.

A paciencia é caminho do céo para o pobre, e a caridade é caminho do céo para o rico.

Freguezia de Diamantina

Notas historicas, interessantes.

O Tijuco foi elevado a parochia a 6 de Setembro de 1819, continuando dependente do Serro até ao seu desmembramento, pela lei que o elevou a villa, desligando-se egualmente do Serro a parochia de S. Gonçalo do Rio Preto.

A Freguezia de S. Antonio da Sé de Diamantina installara-se em 1822, isto a 116 annos.

Dessa data para cá, somente teve 7 vigarios, sendo Mons. Antonio de Sousa Neves o 6°. que excedeu a todos na existencia e exercicio do parochiado.

Vigarios de Diamantina

1°. Padre Sebastião José de Almeida, vigario confirmado, natural de Conceição do Serro; deve ter tomado posse da freguezia aos 7 de Fevereiro de 1823. Falleceu a 2 de Setembro de 1843, tendo exercido 20 annos, 7 mezes, menos 5 dias de parochiato.

2°.—Padre Bernardino de Sena Camargo, natural de Diamantina, Vigario Encommendado, desde 12 de Dezembro de 1843, cargo que exerceu até 31 de Dezembro de 1845, dia em que renunciou a freguezia. Falleceu em Diamantina, em 1854. Nota interessante: Foi Delegado de Policia.

3°.—Padre Domingos Nogueira Pinto, natural de Diamantina. Nota interessante: Exerceu o officio de alfaiate, foi soldado e casado antes de se ordenar.

Parece ter tomado posse da freguezia, como Vigario Encommendado, a 1° de Janeiro de 1846, tendo parochiado até 29 de Setembro de 1847. Consta que entregou a estola a seu antecessor, no momento solenne da posse, chorando!...

Foi, depois, servir como Capellão no Rio Manso. Falleceu nesta cidade, em 1851.

4°.—Padre João de Castro Bacellar, natural de Diamantina. Foi preso na Revolução de 1842 e levado para Ouro Preto, em companhia de Modesto de Almeida. Era liberal.

Depois de solto, seguiu de Ouro Preto para Marianna, onde se ordenou, em Março de 1847, recebendo o sagrado presbyterato das mãos de D. Viçoso. Em 29 de Setembro de 1847, regressou a esta cidade, já como Vigario confirmado. Parece ter tomado posse da freguezia em 1°. de Outubro de 1847. Falleceu nesta cidade, aos 12 de Maio de 1865, sendo o ultimo vigario que foi enterrado na Sé de Diamantina.

Exerceu o parochiato 17 annos, 7 mezes e 11 dias. Depois da sagração do saudoso D. João, viveu apenas 1 anno e 11 dias.

5°.—Conego Joaquim Alves de Campos, natural de Diamantina, o qual tomou posse do cargo, como Vigario Encommendado, aos 14 de Maio de 1865. Falleceu a 29 de Dezembro de 1888, sendo sepultado no cemiterio da igreja do Amparo.

Exerceu o parochiato 23 annos, 7 mezes e 15 dias.

Mons. Antonio de Sousa Neves, que foi o 6°. vigario de Diamantina, tomou posse da freguezia aos 6 de Janeiro de 1889; foi o Vigario que mais sobriviveu aos seus antecessores, chegando a contar 44 annos e 4 mezes de parochiato.

Em 1876, foi installada a Freguezia de S. Francisco de Diamantina, dividindo a cidade em duas, sendo, porém, aquella supprimida no mesmo anno.

O 7°.—Vigario de Diamantina é o Revmo. Padre João Tavares de Sousa, que substituiu o fallecido Mons. Antonio de Sousa Neves, durante sua enfermidade.

Hydrolitol 20 annos de successo na Europa.

"ACAYACA"

(POEMETO inspirado no monumental romance indigena—"ACAYACA"—do saudoso escriptor diamantinense Dr. Joaquim Felicio dos Santos)

«Outeiros de crystal, campos de rosas;
Geladas fontes, arvores copadas.
S. Rita Durão.»

«Balsamicos vergeis, serranias frondosas,
Clima primaveral e selvas olorosas.
G. Junqueiro.»

Verdes outeiros; petreos, plumbeos montes;
Bosques floridos; azulinas mattas;
Placidos rios; gemedoras fontes;
Estros divinos... crebros de cascatas...

Pompas e pompas do perpetuo Azul;
Alma expressão do Augusto Mar Celeste,
—Palliu de luz do Cruzeiro do Sul:
Do Sul ao Norte, e do Poente ao Leste!

E que lindos paineis! Oh panoramas!
Epopeias de amor, cáos de belleza!
Em scintillantes, vivos dioramas
Exhulta, expande a maga Natureza!

Verbo divino—luz!—soberbo sol!
Maravilha do Espaço—alma de Deus!
Scintillações de pallido arrebol,
Na languidez do derradeiro adeus...

E ulúla o vento e brame no desvão
Das cafurnas sombrias, solitarias...
Vão pelos ermos, sonolentas, vão
Almas dolentes, sombras mortuarias.

Filhos de longas plagas; quiz a sina,
Numa irriszão fatal, e singular,
Nos serros do Tijoco—Diamantina
Indios ferozes, bravos, concentrar.

Fundo terror então constituiam
Pelo Brasil em fóra, nos sertões,
Aos poucos habitantes que haviam
Nesse tempo de horror e de ambições.

Impios, valentes, rudes, deshumanos,
Da natureza filhos indomaveis,
Da selva agreste monstros, soberanos,
E no combate seres implacaveis.

Regulos das florestas virginaes:
Broncos, supersticiosos, feiticeiros,
—Barbaros e cruentes, cannibaes,
Além de dextros, e brutaes guerreiros.

Era o Brasil d'incultas regiões,
De sub-sólo ainda inexplorado...
Nessa phase d'accesa e emoções
Em que se fez tão grande e disputado.

Terra querida e bella e deslumbrante
Essa formosa Terra das palmeiras!
De quem a fama extrema, exhuberante,
Tanto se impôz ás terras extrangeiras.

Era no seio impervio, mas famoso
Deste Brasil amado—Pyndorama,
Que fulgurava o ouro primoroso,
O diamante esplendido, de fama!

Terra da Promissão, de augusto porte.
"Gigante pela propria natureza."
Desde o Leste ao Oeste, o Sul ao Norte:
Terra sublime! Terra de belleza!...

Foi nesse tempo longe, secular,
Que á terra do Tejuco—Diamantina
Uma tribu feroz veio habitar,
Em cumprimento á caprichosa sina.

Pelas espheras mudas e silentes
Horrisomna algazarra estruge, agóra,
Da féra tribu, em festivaes ardentes,
Que repercutem n'amplidão sonóra.

Noite de resplendor. Noite faustosa.
Pelos recessos ermos da floresta
Aturde a grita intensa, rumorosa
Dos barbaros tupys, ardendo em festa.

Era uma grande e esplendida *tabyra*.
Casava-se naquella noite, alli,
A *manacá* da tribu, que delira...
—A fascinante e bella *Cajuby*.

Do grão *Cururupeba* amada filha,
—D'uma belleza extrema, original;
Era da tribu o sol, a maravilha,
E de *Jepippo* o sonho, o ideal!

Viçosa e delicada qual a flôr
Que desabrocha ao riso da alvorada;
Era-lhe o rosto ameno, encantador,
Uma expressão legitima de fada...

O jambo invejaria os coloridos
Das faces suas attrahentes, bellas;
Os seus cabellos bastos e cahidos
Eram despeitos das demais donzellas...

Ella no lindo talhe seu trazia,
Como orgulhoso roble de palmeira,
O sangue de tupy, que pertencia
A' magestosa Terra Brasileira.

Pulsaa-lhe no peito um'alma ardente
De mocidade em magico frescor,
Por quem Jepippo, o joven tão valente
Morria de paixão, louco d'amor!

Estruge a festa barbara, pagã,
Dos filhos, broncos, rudes, da Natura;
Dentro da noite esplendida, louçã,
Ouve-se da *toré* o som n'altura.

Elevam-se no espaço dessas chammas
Dos fogueirões, cujo clarão despérta

Monstros nocturnos em soturnas camas
Pela soidão espherica, desérta...

Ouvindo tudo, immovel, taciturno,
Cururupeba em scismas se aprofunda
E se apercebe d'um rumor soturno,
Que de tristezas o seu peito inunda.

Escuso, indifferente á orgia intensa
O tronco annoso, rijo, de Tarik,
Agora curva, e mudo e quêdo pensa
O destemido, o intrepido Cacique...

Na lucta, no combate sanguinario
Elle se fez tão dextro, tão valente;
O punho-ferreo, contra o adversario,
Ergeu sempre terrivel e potente!

Affeito á furia horrivel das tormentas,
Do tigre ao brusco ataque traiçoeiro;
Nas pugnas renhidas e sangrentas
Nunca jorrou-lhe o sangue de guerreiro.

Erguido com rancor insupitavel
Foi-lhe sempre o tacápe triumphante,
Sob do qual ao golpe inevitavel
A victima rolava agonizante!

—O grito seu de guerra tudo ouvia
Estatico de horror, de commoção!
Elle a Tupan somente obedecia
Qual o seu Deus—o ente do Trovão.

Eil-o, porém, de pé! Novo rumor
Veio arrancal-o dessa abstracção.
Péde silencio... hesita entre o temor
E a divida... a incerteza... a indecisão...

Espraia um longo olhar pelo deserto...
Olhar de quem evóca ou perscrúta...
E nesse instante escuta o pio certo
E lugubre do mocho, em uma gruta.

Pia sinistramente a ave agoureira
E vôa, parte em busca do *Ibytyra*...
Um som agudo rompe... em vóz guerreira!
Silenciou-se a esplendida tabyra.

No meio do silencio tumular,
Ouve-se do Cacique a vóz tonante:
"Guerreiros, a desgraça vae chegar...
Partámos para a *taba*, nesse instante!

Qual nuvem densa, panda, fragorosa,
Ao sôpro de sirôcos infernaes,
Impelle-se a torrente impetuosa,
Em furias, dos terriveis cannibaes.

Grande desgraça houvera annunciado
O mocho, no seu pio horripilante;
Já mão traidora havia consummado
Um vil desejo, um acto revoltante.

Tremenda e abominavel vilanía!
Uma tragedia infanda o acto encérra!
Morta! Já decepada, então, jazia
A pobre d'Acayaca alli, por terra!

Os animos selvagens inflammados,
(Ante o desfecho tragico, brutal...)
Inda se tornam, pois, mais revoltados
E de bater-se em lucta, é o ideal.

Ergue-se do Cacique a vóz, porém,
Ao vel-os em tamanhos desespêros!
—Na lucta ha desvantagens; não convem
Bater-se, no momento, contra os *pêros*.

Assim tratava ao povo do Tijuco
A tribu, com extrema repulsão;
Até que, por Thomaz, um mameluco,
Veio amargar o fructo da traição!

O falso da mameluco, bem sabia!
Uma vez a Acayaca destruida,
A força d'essa tribu acabaria,
—Estava, bem talvez, ella sem vida.

Enquanto, além da taba, festejavam
De Cajuby o fausto casamento,
Os instrumentos rudes devoravam
A Acayaca, com ardor sedente.

Ao ver por terra, agora, já sem vida
A arvore, a quem tanto estremecía,
N'um brado de revolta, enfurecida
A tribu ergueu-se, e se vingar queria...

A propria Natureza transformou-se;
O Céu d'estrellas tantas recamado,
Em grossas nuvens negras occultou-se
E tudo viu-se em trévas mergulhado.

Horrisomna! tremenda convulsão!
Que quadro horrendo paira, nesse instante!
Como um doudo corcel pela amplidão
Corisca, ruge o raio flammejante.

Ruge o trovão medonho, nas espheras;
Um medo fulminante, aterrador
Vae pelos olhos tragicos das féras,
—Pasmas de susto, cheias de terror!

Céga, vencida, surda pelo odio,
O odio torvo, ignobel, de vindita,
A tribu aspira um tragico episodio,
E contra o grão-Cacique, então, se irrita.

Depois de longa e clara exposição,
Cururupeba a todos pretendia
Dissuadir da funebre intenção
D'uma batalha ingloria, sem valia.

Colericos, dispóstos, resolutos,
As sanguinarias e crueis façanhas,
Um brado de desdem, dos homens brutos
Repercutiu no adyto das montanhas.

Era um covarde! Assim julgaram ser
Aquelle que deixava de enfrentar
O inimigo, para combater
Como um guerreiro, que se sabe honrar!

Jupyaçara, o indio destemido,
Valente, para a lucta o desafia;
Mas, por Cururupeba é abatido
N'um gesto de real soberania.

Exclama *Cunhambebe*, em um rugido:
"Falta-nos do Cacique a confiança;
Jupyaçara é morto! Eil-o extendido!
O sangue seu, porém, péde vingança."

Trava-se a lucta informe, fratricida
Sob o nefando imperio da Maldade!
E a terra é, nesse tempo, alli varrida
Pela sinistra e horrenda tempestade.

Finou-se o drama! A tragica epopeia!
Rolou, por terra, n'um fatal transporte
O roble d'Acayaca, cuja morte
Silenciou comsigo uma odysseia.

Altiva, inegualavel na grandeza
Da fronde encantadora e magestosa,
Ess'arvore sublime e gloriosa
Era um primor da fausta Natureza.

O teu destino ingrato, foi pervérso:
O' Acayaca, assim eu te lastímo,
—Posto que morta! O teu valor exprimo
E exalto-te nas dobras do meu verso!

Tombaste, emfim, sob o poder cruel
D'uma alma vil, traidora, impedernida,
Que assim te quiz arrebatar a vida
N'uma explosão de colera e de fel.

Eclypsou-se, para sempre, o sol
Da tua tão symbolica existencia,
—Cheia de brilho, ardor, e refulgencia,
Encantadora como o arrebol...

Maldita a mão traidora! O', sim, maldito
O braço féro e bruto que abateu
Ess'arvore sublime, que morreu
Tragada na voragem do infinito!

Surgida de mysterios nevoentos,
Como expressão telurica d'um grito...
Rolou por terra como um vil granito
Ou um grão de pó no gargalhar dos ventos!

Do livro "Evocações".
CELSO BARBOSA.

Folia de Reis e Folia de Carnaval

(Aires da Mata Machado Filho).

Andando pelas ruas da velha Diamantina, não pude ouvir o appello mudo das pedras historicas. Quando começava a sonhar com liteiras e cadeirinhas, surgia um automovel de uma esquina que subia a ladeira com esforço quasi humano, a resfolegar de cansaço, pondo á prova, no pé-de-moleque hostil do calçamento, a bôa qualidade dos pneus.

Estradas de rodagem ligam a séde do municipio a diversos districtos e proseguem, de um e outro lado, em demanda de outras cidades. E a verdade é que a commodidade das viagens e a facilitada circulação das riquezas, valem muito mais do que o anacronismo que ha na gazolina, na buzina e no perfil elegante do carro moderno.

Desharmonia em aspectos, aromas e côres impressiona mal aos esthetas que não acceitam a realidade. A realidade é a comparação entre o cavalleiro bisonho que termina a viagem contundido, quasi invalido e o turista que chega de automovel em São João da Chapada, tendo percorrido em hora e meia a estrada quasi prompta, 36 kilometros faceis e ligeiros.

Chegando, póde até caminhar, lépido e de bôa cara, se a tem. O cavalleiro desacostumado é, fatalmente, um pobre homem succumbido, depois de cinco leguas de viagem.

Ha em tudo, afinal, belleza e numero. O ponto é saber encontrar esses motivos eternos que dão preço á existencia. E que não houvesse!

Pouco importa o anachronismo que a ninguem faz mal, diante de um melhoramento que dá gosto a carthaginenses e athenienses, pois ajuda aos commerciantes e traz repouso e calma contemplativos.

Ao longo das capistranas tão diamantinenses, só de Diamantina, eu continuei reflexionando. Como em Ouro Preto, "aqui outrora retumbaram hymnos?". Póde ser... E todavia é coisa differente que se escuta agora. Vozes distantes e ignoradas trazem o samba carnavalesco para o quadro ideal das modinhas romanticas. Depois do trem de ferro, veio o radio para dar força de realidade presencial aos logares distantes. Tem perspectivas infinitas, para alimento da imaginação, a geographia pessoal do sertanejo.

O radio mudou a feição das velhas cidades mineiras. Começa por lhes dar vida. Já não pódem ser cidades mortas. A' pacatez obrigada e tranquilla trouxe novos rythmos e motivos differentes. E' saboroso e original o contraste que dahi resalta.

No centro da cidade, é grato mudar de musica e de locutor, mudando tambem de esquina. E quanta coisa bonita e apetecivel ao alcance de todos os ouvidos!

Com a bemfazeja febre de radios, Diamantina virou outra, podem crer. O mesmo certamento se passa com cidades identicas. Por sobre a suave lembrança do passado, projecta-se nitida representação do futuro, na forte analogia de sons provindos de paragens afastadas.

Não morram, porém, os aspectos typicos das cidades tradicionaes. O progresso não exclue nem póde excluir o valor do sainete regional. Até o realça, e de maneira inedita. Querem vêr?

Estava inteiramente aberto o radio do café no Ponto Chic, que ha sempre um Ponto Chic em qualquer parte. Vinha, talvez, do Rio de Janeiro, a seducção irresistivel de um rythmo de samba. Nessa hora, desemboca na rua uma Folia de Reis. E as duas melodias antagonicas, vibraram ao mesmo tempo na deliciosa noite de luar mineiro, emquanto isso, vivo e adequado fundo de quadro, sahiam do bêco proximo sons de sanfona saudosa.

Parei para escutar, no louco e imprevisivel contraponto, aquella symphonia de disparidades. Longo tempo durou a extranha competição. Afinal, cedeu o radio e cessou de jorrar, sobre a ingenuidade antiga do reisado a langorosa emanação sonora dos morros cariocas.

Eu de mim fiquei pensando, e penso ainda agora naquelle momento raro, sob cujo sortilégio, em efficaz symbolismo, se uniram as pontas de duas epocas differentes.

D' "O Diario"

Café Central de ZENON
Vale a pena: experimenta.
RUA DR. FRANCISCO SA', ANTIGA DA QUITANDA

Redacção e Officinas da "Vóz de Diamantina"

LEI MINEIRA No. 93 de 6 de Março de 1838, que elevou Diamantina, Serro Sabará e S. João d'El-Rey á cidade

Livro da Lei Mineira, 1838. Tomo 4º Parte 1ª Folhas, 3.

Lei nº 93.—6 de Março.

José Cesario de Miranda Ribeiro, Presidente da Provincia de Minas Geraes: Faço saber a todos os seus Habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial decretou, e eu sanccionei a Lei seguinte:

Art. 1. Ficam elevadas a Cidades as seguintes villas:

§ 1—A de S. João d'ElRey, com a denominação de S. João d'ElRey.

§ 2—A do Sabará, com a denominação de Cidade de Sabará.

§ 3—A do Principe, com a denominação da Cidade do Serro.

§ 4—A Diamantina, com a denominação de Cidade de Diamantina.

Art. 2—As novas Cidades gosarão de todos os fóros e privilegios que as Leis concedem ás outras Cidades do Imperio.

Art. 3—Logo que publicada a presente Lei, proceder-se-á, em cada um dos Municipios das Cidades, novamente creadas, ás eleições de dous vereadores. para servirem conjuntamente com os actuaes, até ás eleições geraes.

Art. 4—Estes Vereadores serão considerados como immediatos em votos aos sete existentes.

Carta de Lei que eleva a Cidades as Villas acima.

José Malaquias Baptista Franco a fiz.

Sellada na Secretaria do Governo da Provincia, em 7 de Março.

Herculano Ferreira Penna".

Registrada a folhas 760 do Livro de Registro das Leis e Resoluções da Assembléa Legislativa Provincial.

Ouro Preto, Secretaria do Governo, em 9 de Abril de 1838.

Manoel Bernardo Acurcio Nunan.

Nesta Secretaria do Governo, foi publicada a presente Lei, aos quatorze dias do mez de Maio de 1838.

Honorio Perelra de Azevêdo Coutiuho.

Diamantina foi elevada a Villa, pelo dec. da Regencia, em 15 de Fevereiro de 1831, com séde na povoação do Tijuco.

Serro foi elevado a Villa do Principe, em 29 de Janeiro de 1714, installada em 6 de Abril.

S. João d'El-Rey foi elevado a Villa em 8 de Dezembro de 1713, com séde no antigo arraial.

Sabará foi elevada a Villa, em 17 de Julho de 1711, confirmada por provisão, em 9 de Janeiro de 1715.

A'S ESCUSAS

x.....x.....x

Ao clarão do sol de setembro
Foi esse encontro saudoso...
Ah! como de tanto goso,
De tanto goso me lembro!..

Cheguei. E emquanto a esperava,
Entre as folhagens occulto,
Alvoraçado scismava
Na elegancia de seu vulto.

Aroma acres sentindo,
Aos raios do sol ardente,
Tinha no sangue candente
Desejos fulvos bramindo.

Vel-a em gentis embaraços!
E na volupia mais louca,
Beijar-lhe as tranças, os braços,
Os olhos lindos e a bocca!

Cingindo-lhe a esbelta cinta,
Aspirar o dôce aroma
De seus cabellos, qual coma
Das trevas da noite tinta!

Mulher que em graça remonta
A um classico tempo augusto,
A beijos, beijos sem conta,
Eu dobraria seu busto.

E ao fôgo do meu desejo,
Mil gosos sonhava, quando
A entrevi num passado brando,
As faces rubras de pejo.

Corri. Nos braços tomei-a
E si a beijei com loucura,
Digam a ave que gorgeia
E o florestal que murmura.

Ah! com que ardor a retinha
Sobre o peito palpitante!
Acaso de instante a instante
Meu amôr crescendo vinha...

Aurea, a chamma de seus olhos
Porque me abraso e palpito,
Aos mais escusos refolhos
Dava um prazer infinito.

Eu era fremente e mudo,
Mudo e fremente como ella,
Emquanto da azulea umbella
Cahia a calma por tudo...

Dos beijos somente o ruido
Quebrava o silencio morno:
Naquelle ar encandecido
Espalmava-se o bochorno...

Ao claro sol de setembro
Foi esse encontro saudoso...
Ah! como de tanto goso,
De tanto goso me lembro!...

IX—1901 **Dr. J. Camelo.**

(Diamantinense).

Nascemos nas lagrimas, vivemos no soffrimento e morremos na dôr.—S. Agostinho.

Encampação do Ramal de Diamantina

(Especial para o DIARIO) *P. MATTA MACHADO.*

Constituinte da 2ª. Republica e deputado da Camara dissolvida

Fui sempre valor negativo entre os partidos politcos, que nas Democracias trabalham para os amigos, contra a Nação. Deputado Federal, por nimia complacencia delles, apenas em uma sessão na legislatura de 1914 e em outra na de 1920, esforcei-me por obter a emcampação pela Central, do ramal ferreo Curralinho-Diamantina, cuja construcção devemos ao patriotismo de Francisco Sá.

Em 1914, foi consignado no orçamento da Republica a seguinte auctorização:

"Encampar o ramal Curralinho-Diamantina, desde que dessa operação resulte saldo effectivo para o Thesouro".

Só assim redigida, pude obter approvação de emenda ao orçamento.

Surprehendida pela auctorização que não esperava, tal o descredito que a ignorancia lançou sobre o ramal, a Directocia da Vitoria-Minas affirmou-me que o tendo construido com promessa formal da encampação, havia afinal desistido della, convencida da sua impossibilidade.

Não voltando á Camara, deixou-se de falar em encampação.

Em 1920 fui eleito Deputado Federal, para a ultima sessão da legislatura.

De viágem para o Rio, fui despedir-me do Dr. Arthur Bernardes, presidente do Estado, e falei-lhe na conveniencia da encampação. Com louvavel franqueza, o illustre presidente declarou que não podia se interessar por ella, visto ser prejudicial á Central.

Certo de que o desconhecimento da zona servida pelo ramal era a unica causa da hostillidade á sua encampação, logo que cheguei ao Rio, prosegui nos esforços para obtel-a.

Procurei o Presidente da Republica, o preclaro dr. Epitacio Pessôa, e aguardava minha vez de falar-lhe, na costumada audiencia aos Deputados, quando ao findar-se a dessa dia, entrou no salão dellas o dr. João Luiz Alves, secretario de Finanças do Governo mineiro.

Querendo ceder-lhe o meu logar na audiencia, agradeceu, recusando e, de repente, exclamou:

—"Pedro, que vem você fazer aqui?"

—Pedir ao Epitacio a encampação do ramal de Curralinho-Diamantina.

—"Você é insensato?!... Olha que eu sou seu amigo; tenho lhe dado mostras; posso falar assim. Você pensa que aquelle homem, lá da Parahyba, vae encampar ramal no calcanhar do Judas, ramal que a Central sabe que dado de graça é prejuizo?"

Bemdita objurgatoria: inflammou minha convicção e bruxeleou minha eloquencia.

—"Nada lhe posso dizer agora, respondi, porque é hora de falar ao Presidente".

E, emquanto marchava, borbulhou pequenino discurso, que proferi, quando me senti junto a este:

—Venho fazer-lhe um pedido para região remota e ignota do meu Estado; não me animaria a formulal-o se a medida que elle encerra não se impuzesse como justa, util e necessaria, sob todos os pontos de vista em que V. Excia. a queira encarar.

Descrevi rapidamente a situação do Ramal, partindo da Central, procurando em linha recta á Serra do Espinhaço, galgando-a e terminando em Diamantina; centro de zona vastissima do Norte e do Nordeste de Minas, tributario daquella cidade pelo seu commercio e por suas relações intellectuaes, cultuaes e religiosas, que seriam grandemente beneficiadas pela encampação.

Mostrei o absurdo de um Ramal da Victoria Minas, encravado na Central, em região remota, diversa do raio de acção e da zona de actividade daquella, e concluiu:—Para prestigiar minhas affirmações, trago pequeno memorial, tambem assignado pelo Presidente da Camara e o leader da Bancada; peço a V. Excia. examinal-o e fazer o que fôr justo.

Quinze dias depois, voltei a falar ao Presidente. Este foi logo dizendo:

—"Veio saber noticia do seu Ramal? O sr. tem razão. Não se justifica a existencia de um Ramal dependente da Victoria-Minas, trafegando em zona afastada, exigindo custoso apparelhamento, officinas e direcção proprias, pessoal e accessorios, e tributario da nossa principal via ferrea. E' justo o seu pedido; o Governo vae fazer a encampação".

Surprehendido, emocionado mesmo, ouvi a declaração clara, firme e decisiva com grande prazer, augmentando pelo vivo contraste della com o que me foi dito, poucos dias antes, naquelle mesmo salão.

Nesse mesmo dia, procurei o Ministro da Viação, para as providencias ulteriores. Começou elle a oppôr manhosa, persistente e pertinaz difficuldade, fazendo depender a medida de outras que lhe interessavam e affirmando ser aquella inconveniente e ruinosa.

"Voltei ao Presidente e este, categorico, reprovou a demora, declarando que "ordenará prompto expediente e não comprehendia nem justificava a demora".

O Ministro continuou a protelar. Deixei a Camara, mas continuei no trabalho, para o fim desejado. Solicitei por vezes o prestigioso apoio do meu prezado amigo dr. Francisco Sá, que me animava a proseguir, mas declarou-me, que, Senador pelo Ceará, não era o mais proprio pleitear os interesses de uma zona mineira.

Emquanto trabalhavamos para a burocracia do Ministro hostil, veiu ao Rio o dr. Clodomiro de Oliveira, secretario da Agricultura de Minas e, hospedado no mesmo hotel em que me achava, procurou-me certa noite, de regresso do Cattete, para dizer-me que ouvira pouco antes o Presidente Epitacio exigir do Ministro o prompto expediente para a encampação do Ramal de Diamantina, que me havia promettido e muito demorava.

Mostrou-me tambem aquelle amigo um telegramma a transmtir ao Presidente Bernardes, dizendo o que ouvira o Presidente Epitacio ordenar ao Ministro. Não obstante, as protelações deste continuaram.

Dois dias antes de assumir o governo o Presidente Bernandes, fui receber na estação da Central o Senador Sá, futuro Ministro da Viação, que regressava de Minas. Quando nos avistámos, perguntou-me elle pressurosamente:

—"Sahiu o decreto da encampação?"

—O Ministro continua a difficultal-o.

—E' preciso que o Epitacio assigne o Decreto da encampação, ou ella não se fará. Procurá-o e ao Pires para forçal-os ao promettido".

O futuro Ministro tinha razão na sua affirmativa, pois conhecia a opinião do novo Presidente sobre a encampação do Ramal.

Chegando ao Hotel redigi dois longos telegrammas: um ao Presidente Epitacio, outro ao Ministro Pires do Rio, lembrando áquelle o promettido; verberando a este as difficuldades injustas por elle criadas, e conclui, affirmando que, "por culpa sua, não se faria a encampação ordenada pelo Presidente. Que, encampadas todas as outras estradas de ferro do Brasil, menos o Ramal de Diamantina, odiosamente hostillizado e injustamente suspeitado, não poderia ser encampado, sendo Ministro da Viação o Senador Sá, amigo desvelado da Diamantina, benemerito constructor delle e por isso incompatibilizado pelo labéu que o Ministro actual havia atirado sobre o Ramal. Assim a excepção odiosa e unica, creada por Sua Excellencia, consumaria a maior das injustiças".

Perdida a esperança falei com a franqueza e a clareza devidas.

A's onze horas da noite de 14 de Novembro, vespera do dia em que o Presidente Epitacio deixaria o Governo, chegando eu ao Grande Hotel, o Gerente me disse:

—"Falaram agora mesmo do Palacio do Cattete, avisando ao Senhor que o Presidente acaba de assignar o decreto da encampação do Ramal Curralinho-Diamantina".

No dia seguinte, o dr. Francisco Sá era Ministro da Viação e podia ultimar a encampação do Ramal que o seu patriotismo deu a Diamantina, attrahindo para o seu nome abençoado a gratidão immorredoira daquelle povo justo, generoso e bom.

Bello Horizonte, Janeiro de 1938.

D"O Diario".

A REFLEXÃO E' A PORTA DA NOSSA SEGURANÇA.

Antonio Torres, Couto de Magalhães e Felicio dos Santos

Confesso que nunca li todas as obras desses tres diamantinenses, de modo a ter dellas uma impressão de conjuncto e estar habilitado a uma critica em que fossem expostas, com uma alta intenção, as qualidades peculiares a cada uma.

Está ahi uma tarefa que devia seduzir a muitos espiritos affeitos á analyse e á critica.

Seria um bello campo a explorar, com ser ainda uma homenagem que se prestaria a esses expoentes da cultura diamantinense.

A obra de Antonio Torres e sua vida, a obra de Couto de Magalhães e sua vida, como a obra e a vida de Felicio dos Santos, contêm muitas preciosidades e ensinamentos.

Em Antonio Torres, teriamos de examinar a vida, primeiramente, e depois a sua influencia sobre a sua obra.

O erro que foi o seu ingresso na carreira sacerdotal inutilizou em grande parte sua vida e tornou sua obra assaz escassa.

O seu temperamento não podia estar bem dentro da disciplina severa a que a batina o submettia.

Elle era christão por convicção. Provou sel-o até os ultimos instantes de sua vida.

A Igreja, elle a amava e admirava e ahi estava, ao meu ver, o motivo de intima magôa, de desespero, si assim me posso exprimir, em que o collocava uma situação que não devia ser a delle, na vida.

Abandonando a Igreja, por causa da sua immensa altivez, elle, nunca, no seu grande stoicismo, a recriminou, a atacou, antes achou ensejos para a defender.

Esse desespero, essa revolta, esse inconformismo com a sua situação reflectem-se no seu estylo vibrante de pamphletario, de arrazador de homens e cousas.

O sarcasmo e o riso eram as suas armas predilectas, que elle manejava com uma destreza e com uma felicidade dignas dos mais terriveis espadachins da critica.

Nas paginas candentes de "Pasquinadas cariocas", a sua lanceta fere fundo os tumores da vida social e politica do Rio; em "Razões da Inconfidencia" é o patriota que se revolta contra a cupidez do colonizador e ri da sua incapacidade para a manutenção do ouro extorquido.

Na Europa, para onde o levaram as suas obrigações de diplomata (elle entrou para a diplomacia como um meio de se evadir e esquecer seu drama) o seu temperamento soffre uma diminuição, como que se adoça.

Ainda vemol-o criticar com ardor mas nos seus escriptos reponta já uma certa suavidade de quem se não se reconciliou com a vida, pelo menos já a acceitava com o coração menos oppresso.

Suas cartas nos revelam a sua actividade interior, a sua grande assimilação dos auctores inglezes.

Transferido para a Allemanha, como que ahi foi buscar um complemento, um fecho á sua cultura.

Mas, bohemio, homem que não dava ao corpo os cuidados indispensaveis, morreu ahi, numa altura da vida em que se podia esperar delle, do seu talento, muitos fructos optimos.

* * *

Falar de Couto de Magalhães é falar da victoria.

Nunca uma vida attingiu a tanta plenitude, na multiplicidade dos seus aspectos, como a desse grande diamantinense.

Nelle se integraram harmoniosamente o militar, o estadista, o escriptor, o esplorado e o sabio.

Na sua actividade omnimoda, vemol-os confundidos.

Elle penetrou na selva brasileira e entrou em intimo contacto com a terra e a sua gente.

O sabio rivaliza com o patriota nessas investigações.

Explorando rios, muitos dos quaes devassou pela primeira vez, estudando-lhes as peculiaridades, com o que enriqueceu a potamographia nacional; estudando a flora; vivendo com os indios cuja alma captou como apprendeu fundamente a sua fala, da qual elle era em nossa terra uma das maiores auctoridades, Couto de Magalhães observou-lhes os costumes, a religião, a literatura, e enfeixou tudo isso nesse livro substancial, que é "O Selvagem", com um methodo, uma clareza, e observações reveladores de um espirito affeito, não só á especulação scientifica como á literatura.

A ethmologia recebe com "O Selvagem" uma das melhores contribuições dentre as que ella já teve em nossa terra.

Ahi estão as mais bellas lendas da "jungle" brasileira, algumas rivaes das melhores concepções no mundo da fabula, como aquella, admiravel, em que a onça pediu ao gato que lhe ensinasse a pular.

Esse homem feliz e energico, que foi um vencedor no campo intellectual, soube servir tambem com galhardia e denodo ás instituições estão vigentes, grangeando a admiração dos seus proprios adversarios.

* * *

Felicio dos Santos "the last but not the least" foi tambem um dos mais fulgurantes representantes da cultura diamantinense.

Nelle não se sabe o que mais se admirar: se o jurista e o escriptor, se o patriota e o homem de honra.

Seu projecto do Codigo Civil é um monumento das letras juridicas nacionaes e seus romances e novellas attestados da finura de sua sensibilidade e do seu grande talento literario.

João Brandão Costa.

Não devemos aspirar muito subir, porque, ás vezes, descemos sem esperar.

Collecta dos Cofres da Cidade, em beneficio do Recolhimento dos Pobres

Mez de Janeiro de 1938

Clovis Hugo.	5$000
David Coelho	6$300
Sebastião José Pinto . . .	3$500
Edmundo Alves da Silva .	9$400
Patricio Alves Ferreira . .	6$100
Clarindo Pinto de Sousa. . .	4$000
Restaurante "Brasil" . .	3$100
José Carreiro Lima . . .	3$300
Joaquim Gonçalves Ferreira	3$600
Pedro Costa Coelho . . .	6$400
José Lages & Irmão . . .	6$300
Lopes & Irmãos	30$700
D. Maria L. G. Ribeiro .	8$000
Cabana de Pae Thomaz . .	6$000
João Alkmim	1$000
Antonio Moreira de Aguiar.	12$000
Viuva Manoel Pimenta . .	1$100
João Eustachio da Silva . .	2$000
Gabriel Antonio Coelho . .	6$200
Filial "Lopes & Irmãos .	14$400
Antonio Ferreira dos Santos.	1$000
Naná Mourão	1$600
Padaria S. José	$700
José Olympio & Cia. . . .	10$000
Pharmacia de Candinho . .	2$400
Bar Restaurante Brahma .	3$000
Motta Filho & Cia.	5$000
Itamar Lopes	6$000
Anysio Rocha	2$000
José A. Rocha	6$000
Mercado Municipal . . .	23$000
Guerra & Costa	5$000
Duarte & Comp.	3$100
Carlos Diniz Pinto	6$300
Anacleto Pimenta	3$200
Casa Fernandes	3$600
Pharmacia "S. Therezinha .	3$000
Casa Verde	3$000
João E. do Nascimento . .	1$100
José Pires do Nascimento .	3$100
Barbearia "S. Antonio" . .	28$300
	259$500
Recolhimento dos Pobres.	136$700
Som. Rs.	396$200

O ALCOOL, maior inimigo do homem, é a perdição dos moços.

PADRE JOSE' DA SILVA DE OLIVEIRA ROLIM

Inconfidente Diamantinense

Dr. Soter RAMOS COUTO.

Diamantina, em todos movimentos civicos, que despertam a alma brasileira, sempre se faz representar por um de seus filhos. Tem sido um berço fertil de homens para o Brasil, em todas as actividades do genero humano.

A Inconfidencia Mineira, a grande conspiração contra a tyrannia, echoou tambem no Tijuco, apesar de se achar separado por muitas leguas do centro da Conjuração, e empolgou um padre, cujo temperamento energico e posição social fizeram delle um dos mais importantes conjurados, conforme affirmou o delator, "que o Padre Rolim um dos cabeças principaes do temerario insulto e disposto para entrar nelle, tanto pela sua riqueza, abundancia de bens e respeito que conservava, como por ser temerario e regulo".

Era a alma do garimpeiro soffredor, encarnado no Padre Rolim, que nascido no arraial em 1747, não podia ficar indifferente ao movimento da quebra dos grilhões, que nos acorrentavam á côrte de uma rainha mentecapta. — Filho de distincta familia, tinha dentre os muitos irmãos esmeradamente educados em Coimbra, não o celebre pregador Rodovalho,, como affirma o historiador Padre Galanti, mas o Padre Carlos da Silva de Oliveira Rolim, um dos fundadores da nossa Santa Casa e o Dr. Placido da Silva de Oliveira Rolim, formado em engenharia. — Eram seus paes o primeiro caixa dos diamantes do arraial, Sargento-mór José da Silva de Oliveira Rolim e Anna Joaquina Rosa.

Possuia o Padre Rolim elevadas qualidades de espirito, grandes amizades, optima fortuna e avultados bens. - Indo a Villa Rica, reclamar do governador, contra o seu despejo da demarcação diamantina, por intrigas de inimigos, ahi conheceu o Tte. Cel. Freire de Andrade, que o convidou a participar das reuniões. Identificando-se dahi por deante com o movimento, tornou-se dos maiores amigos de Tiradentes, fazendo delle em conversa com Alvarenga, o seguinte conceito: "Aquelle rapaz é um heróe e não se lhe dá morrer na acção, contanto que ella se faça".

Voltou logo ao Tijuco, onde chegou a 15 de Março de 1789; contava nesta época 42 annos.—Cabia-lhe conforme compromisso assumido, sublevar toda a gente, especialmente os garimpeiros do Serro Frio e Tijuco.—A 21 de Maio, depois da delação, o Governador ordenava ao Capitão Manoel da Silva Brandão prender o Padre Rolim "com toda vigilancia e cautelas". — Conseguiu o inconfidente, talvez pelo seu grande circulo de amizades, fugir do arraial, tendo sido preso em Setembro do mesmo anno, em Itambé do Matto Dentro, e enviado para o Rio.—Lá encontrou todos os companheiros de ideal e, depois de longos e interminaveis interrogatorios, foi encerrado na fortaleza de São José da Ilha das Cobras, aguardando sentença que nunca se soube qual fóra, por ter ordenado a soberana Maria I, na carta regia de 1720, que "*havendo, porém, nas devassas, alguns réus, que sejão ecclesiasticos, separeis delles a parte que lhes tocar, para, em acto separado, com a copia de suas culpas serem por vóz, com os adjuntos senteciados, como fôra justiça. por lhes não pertencer privilegio algum de isenção nos crimes, exceptos dos quaes, o de lesa magestade é o primeiro e mais horroroso, com declaração; porém, que a sentença condemnatoria que contra elle fôr proferida, deveria ficar em segredo e fazer-se-me presente para eu resolver o que fôr servida, conservando-se entretanto, os réus em segura e rigorosa custodia.*—Depois de sentenciados secretamente, foram embarcados para Lisbôa, a 24 de Junho de 1792, na fragata "Golphinho".

Passados onze e meios annos de prisão, em infectas masmorras, foi o nosso inconfidente com alguns de seus companheiros, libertados por intervenção do embaixador Lannes. Daqui por deante, está a parte falha da historia. Mattoso Maia diz que tres dos ecclesiasticos chegaram a voltar ao Brasil, menos o Padre José Rolim, que morreu em Lisbôa, quando se preparava para a viagem. O Pe. Galanti affirma que todos voltaram para o Brasil, menos o Padre Rolim, que falleceu em Lisbôa, quando se apercebia para a viagem, e corroboram no mesmo erro, J. Norberto, Xavier da Veiga e Rocha Pombo.

Joaquim Felicio, um dos mais profundos conhecedores do passado de nossa cidade e nossa gente, nos relata, nas suas memorias do "Districto Diamantino", que o Padre Rolim jazeu nas masmorras do Limoeiro, donde foi transportado para um dos presidios mortiferos da Africa, as Pedras de Ancoche.

E a vida do nosso glorioso patricio teria ponto final para a historia na terra portugueza, se o espirito culto e sabio do nosso inesquecivel Arcebispo D. Joaquim não levasse de vencida a empreitada de rebuscar archivos, á procura da verdade, que radiante surgiu, coroando-lhe os esforços e premiando a paciencia do perscrutador dos arcanos. E graças ao autor da "Vida de D. Silverio", devemos o documento abaixo, que prova exhuberantemente e de modo cathegorico, que o Padre Rolim voltou ao seu torrão natal, e aqui fallecera, sendo sepultado na Igraja do Carmo.—Eil-o no livro dos assentos dos Irmãos fallecidos e sepultados nesta Capella (Carmo), paginas escriptas 42, lê-se no fim da pagina: Em 21 de 7bro de 1835, foi sepultado o Irmão Red. José da Silva de Oliveira, na sepultura de nº acima", portanto nº 2.

No mesmo livro indice das sepulturas, lê-se: nº 2, Revmo. José da Silva e Oliveira Rolim a folha 2, justamente nesta folha 2 é que vem o assento supra.

O senhor Arcebispo, procurando mais, encontrou outros assentos como missas celebradas pelo conjurado, no Igreja de S. Francisco, nos annos de 1808 a 1811 e dividas do mesmo de annuaes de Irmão do Carmo, joia de prior, pagos em 1835, época de seu fallecimento.

Voltou, pois, do exilio para o Tijuco, e consta que todos aquelles que se achavam ligados ao governo da metropole delle se arreceiavam approximar, por ter pensado o horrivel crime de querer a Patria livre. Pobremente viveu, porque todos seus bens foram confiscados pela corôa, conforme provisão regia que transcrevemos: — «Dom João por graça de Deos, Principe Regente de Portugal e dos Algarves, daquem e dalém mar, em Africa de Guiné, etc. — Faço saber a vós da Junta da Fazenda da Capitania de Minas Geraes: — Que sendo-me presente uma Consulta do Conselho Ultramarino a vossa conta relativa ao Sequestro feito nos bens dos Réos Ecclesiasticos sentenciados pello crime de Inconfidencia commetido nessas Minas, cujos bens por estarem sem outra alguma formalidade mais do que os primeiros sequestros e não terem sido ainda adjudicados ao Fisco, estavam sem adiantamento na sua arrecadação pella falta de sentença que lhos adjudicasse, motivo porque vós não deliberastes a mais, do que expôr na minha Real Presença este negocio para sobre elle determinar o que fosse servido. E sendo-me igualmente presente a Resposta do Procurador da Fazenda, que foi ouvido, com a qual se conformou o mesmo Conselho na ditta Consulta, Sou servido Ordenar que a respeito dos eclesiasticos comprehendidos em tão execrando delicto, não tiver havido sentença com que se despozesse dos bens que lhe foram sequestrados, o Juizo do Sequestro provisionalmente proceda na venda dos dittos bens, sendo da natureza dos que *servando servari non possuent*, como são ainda os de raiz no continente dessas Minas Geraes, recolhendo-se o preço delles, e os se poderem conservar como por exemplo pessas de Ouro ou Pràta aos cofres da Real Fazenda, até que se destine a applicação que deverão ter, comprindo-se esta minha ordem inteiramente como nella se contém". O Principe nosso Senhor a mandou por seu especial mandado, pelos Ministros abaixo assignados do seu Conselho e do Ultramar. —Matheos Rodrigues Vianna a fez em Lisbôa a dezeseis de Septembro de mil sete centos e noventa e nove annos. — O Conselheiro Francisco da Silva Côrte Real a fez escrever. — José Gomes de Carvalho — Por Immediata Resolução de Sua Alteza Real de oito de maio de mil sete centos e noven- e nove, em Conselho Ultramarino. — Cumpra-se. — Registre-se e se passe as ordens necessarias.—Villa Rica, doze de Julho de mil cito centos. Com quatro rubricas.—Está conforme Carlos José da Silva—he o que continha a dita provisão, por virtude da qual se procedeo na arrematação de duas cazas, com os moveis que estavam dentro sequestrados ao Padre José da Silva e Oliveira, pelo crime de inconfidencia, depois de terem andado em Praça Publica os dias da Ley e estillo e forão arrematados ao Dr. José Pereira da Silva, pela quantia de um conto cento e vinte e oito mil cento e cincoenta reis por anno, como consta do Auto de Arrematação feito a folhas setenta e nove e forão fiadores o sargento-mór José Luiz da Silva e o Capitão Manoel Vieira Couto, como consta do Termo de fiança que assignarão a folhas oitenta e duas verço e a folhas cem, cento e seis e cento e sete, se achão tres conhecimentos dos quaes consta haver pago a supplicante Dona Anna Claro Freire, a conta das Cazas Arrematadas pello ditto Doutor José Soares Pereira da Silva, a quantia de nove centos e vinte sete mil e trinta e oito reis e a folhas cento e nove se acha outro conhecimento da quantia de duzentos e hum mil, cento e oitenta e sete reis, que remeteo Manoel Pires de Moura para a Intendencia da Villa do Principe por haver recebido do Escrivão que foi dos Diamantes o Capitão Belchior Pinheiro de Oliveira, da cobrança que fez do Doutor José Soares Pereira da Silva, pertencente ao sequestro feito ao Padre José da Silva e Oliveira Rolim dos quaes conhecimentos aqui mencionados consta ter recebido as ditas quantias o Thesoureiro da Intendencia da Villa do Principe, Capitão Felix Casemiro de Figueiredo. Mais tarde, o Padre Rolim tentou rehaver todos todos seus bens e requereo nos seguintes termos: "Diz o Padre José da Silva e Oliveira Rolim que para requerimento que tem, precisa que o escrivão desta Intendencia lhe passe por certidão extrahida dos autos de sequestro, que por este juizo se procedeo em seus bens, por virtude de uma precatoria dirigida da Real Junta de Villa Rica, o que delle apontar. Pede a Vossa Senhoria seja servido afim lhe deffirir. E receberá Mercê. Passe sem inconveniente—Mayer.

Certidão.—Senhor Dezembargador Intendente Geral. O sequestro que se procedeo nos bens de Erança do supplicante em virtude da Precatoria expedida a este Juizo pelo dos feitos da Corôa de Villa Rica em vinte e nove de.....de mil e oitocentos e hum foi em consequencia de Ordem Regia de dezeseis de Septembro de mil sete centos e noventa e nove, inserta na ditta precatoria em que se declara ao supplicante Réo do Crime de Inconfidencia; e como o supplicante se não acha até agora rehabititado, parece não poder portanto requerer nestes mesmos autos, por não ser pessôa legitima para estar em juizo; principalmente sem ser ouvido o Procurador da Fazenda que nelles hé a parte legitima. Esta a minha duvida, a vista da qual Vossa Senhoria mandará o que fôr servido—Tijuco tres de abril de mil é oitocentos e sete.—Belchior Pinheiro de Oliveira—Haja vista o procurador da Fazenda — Mayer. Fiat justiça—Pires — Procede a duvida do Escrivão, portanto não defiro. — Tijuco quatro de Abril de mil oito centos e sete.—Mayer.

Em 1822, em Novembro logo após a Independencia o Padre Rolim voltou e requereu do escrivão dos Diamantes Luiz José de Figueiredo que lhe fosse dado por certidão todas as provisões, etc., e dirigindo-se ao governo imperial, obteve do então Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, o seguinte despacho; "Martim Francisco Ribeiro de Andrada, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, Presidente do Thesouro Publico Nacional, et cœtera: Faço saber a Junta Provinçia de Minas Geraes: Que o mesmo augusto Senhor Houve por bem ordenar por portaria expedida pela Secretaria do Estado dos Negocios da Justiça, de vinte e dois do corrente mez, que fosse embolsado o Padre José da Silva e Oliveira Rolim, da quantia entrada nos cofres da mesma Junta, proveniente das arrematações feitas de parte de alguns bens de seu patrimonio Ecclesiastico em execução das ordens dirigidas de Portugal, Pelo Conselho Ultramarino, e este afim de ultimar, na parte que pertence a mesma Junta a entrega que se deve fazer ao dito Padre dos bens de seu Patrimonio como se ordenou em Portaria da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, hoje Imperio, de nove de Setembro de mil e oitocentos e vinte e dois, expedida ao Governo Provisorio dessa Provincia que acaba de expôr pela mencionada Secretaria de Estado de Justiça entre outros embaraços para sua execução, achar-se nos cofres da referida Junta de Fazenda o producto de varios dos ditos bens. O que tudo se participa á mesma Junta para sua intelligencia e duvido comprimento, sem duvida álguma como nesta se lhe ordena. — Anacleto Venancio Valdetaro a fez.—Rio de Janeiro em vinte e nove de abril de mil oitocentos e vinte e treis.—João José Rodrigues Vareiro a fez escrever. —Martim Francisco Ribeiro de Andrada.—Cumpra-se e registre-se.—Ouro Preto vinte e um de maio de mil e oitocentos e vinte e treis.—Apolonia — Garcia — Magalhães—Barros — Augusto Monteiro. E em consequencia recebeu o Padre Rolim em sete de março de mil e oitocentos e vinte e cinco, a quantia de um conto de reis, porque havião sido arrematadas umas casas de seu patrimomio Ecclesiastico. — E para constar, se passa a presente, em virtude do despacho retro.—Secretaria da Fazenda Publica de Minas Geraes, sete de Fevereiro de mil oitocentos e trinta e tres, duododecimo de Independencia e de Imperio.

O official maior interino—José Antonio Ribeiro Junior".

Assistiu o Padre Rolim a realização de seu ideal e falleceu a 21 de Setembro de 1835, treze annos depois da Independencia, com quasi noventa annos de edade. — Alguem escreveu que, depois da volta do exilio ficara suspenso de todas as ordens religiosas.—Isto não é verdade como provamos com certidões de missas celebradas em 1808 e 1811, na igreja de S. Francisco.—A agua potavel de que ainda hoje nos servimos, já canalizada, graças ao Ministro Francisco Sá foi trazida pelo Padre Rolim em rôgo descoberto até á Chacara dos Neves, para trabalhar numa mireração de ouro.

O grande inconfidente fechou os olhos na terra, onde elles se abriram, dando ao berço que o viu nascer tudo que possuia e ligando-lhe um nome que é hoje o orgulho da nossa gente.

Diamantina, em 1938,

O infortunio é a pedra de tóque, pela qual se conhece os quilates da amizade.

Nomes que o vulgo pronuncia errado

Embigo,. . . em vez de umbigo.
Campoteira, « « « compoteira.
Cuspe, « « « cuspo.
Ancaróte, « « « ancorote.
Ourinol, « « « urinol.
Gólo, « « « gole.
Adobro, « « « adobe.
Dobro (sino) « « « dobre.
Rebóque (massa de reboucar), em vez de rebôco.
Desencarrilhar, (trem), em vez de descarrilar.
Craveira de violão, em vez de cravêlha.
Gabiroba (fructa indigena), em vez de guabiróba.
Porcentagem, em vez de percentagem.
Urucum, em vez de urucú.
Articum (fructa indigena), em vez de ariticum.
Arubú, em vez de urubú.
E assim muitas outras.

Café Central de ZENON

Vale a pena: experimenta.

RUA DR. FRANCISCO SA', ANTIGA DA QUITANDA

"HYDROLITOL"—A base da saúde.

Lembrae-vos dos pobresinhos de **SANTO ANTONIO.**

—A velhice é a edade dolorosa em que, geralmente, se encontra o esquecimento em logar da gratidão.

—Na velhice, impéra a desillusão, por isso, póde-se considerar benemerito o homem que protege aos pobres velhinhos.

Qualquer deve ser julgado, conforme as amizades que frequenta. —S. JERONYMO.

Major Marino Brandão

Por acto de 7 de Fevereiro ultimo, do sr. Governador do Estado, foi reformado na Força Publica, nos termos do decreto nº 11.261, de 1934, o nosso estimado conterraneo e brioso official, Major Marino Brandão.

Nossos parabens.

Minhas Tiras

* * *

Vão para cento e oitenta e tres annos que, segundo os costumes antigos, coloniaes, o Intendente do Tijuco fez publicar a toque de caixa e ao rufar de tambôres, o seguinte bando por demais aviltante para o povo desta heroica Princeza do Norte, então no apogéo de toda a sua opulencia de centro riquissimo da mineração:

«Faço saber a todos os homens de negocio deste continente, assim de fazendas sêccas, como de molhadas, tendas, tavernas e quitandas, que todo aquelle que, depois de tocar as Ave-Marias, fôr achado vendendo algum genero ou ainda se provar que os vendeu, logo será preso e não sahirá do tronco da cadêa deste arraial, sem primeiro assignar termo de despejo para fóra deste continente e comarca; executando-se a mesma pena a respeito daquelle que tiver em sua casa, de dia ou de noite, algum escravo, além dos de seu serviço domestico, ou qualquer outra pessôa que tiver sido expulsa desta demarcação.

Todos aquelles que tiverem qualquer genero de negocio em tendas, tavernas ou quitandas, estabelecidos em bêcos ou travessas, dentro de tres dias, os ponham nas ruas publicas, debaixo da subredita pena.»

Que despotismo! Quão differentes os tempos de hoje!

Diamantina livre, progride e continúa a ser a metropole desta região feracissima, onde Deus quiz reunir thesouros extraordinarios, como bem se evidencia da immencidade de diamantes, metaes e pedras preciosas que têm sido levados para o extrangeiro.

As suas bellezas naturaes encantam, e não haverá no mundo, talvez, curso d'agua mais bello, trechos mais lindos que os do nosso famoso rio Jequitinhonha!

Rincão de Minas, oh! Diamantina, até as suas flôres campesimas já fazem época em nossos dias!

São as tuas alvas e mimosas *sempre-vivas* do campo, que hoje valem tanto, valem ouro!...

Xisto Reis.

MOTORES ELECTRICOS
DINAMOS
RADIOS
PILOT, ETC.

Installam-se e funccionam em qualquer parte, nas localidades, fazendas e capellas, onde não existe força electrica. Fornecem não só luz clara brilhante, como radio; carrega baterias e ainda move machina pequena.

Installam-se em qualquer parte, em 24 horas.

Vendem-se por preços vantajosos.

Representante em Diamantina—*David Marcello de Andrade.*

Maravilh

FILMS
PARA
DIAM

a serem apresentado

Port Arthur
com Adolf WOLBRUEK.

Preludio de Amôr
Grace MOORE e Cary GRANT.

Setimo
Simone SIMON e Jan

Ali-Babá é Bôa Bola
com Eddie CANTOR.

Idylio Cigano
Annabela e Henry FONDA.

Caminho de
F. MARCH, Warner BA

DESEJO
G. COOPER—Marlene DIETRICH.

ROSA DO
John BOLES—Glor

O Amôr nasceu do Odio
Marlene DIETRICH e Robert DONAT.

com Beniamino GIGLI.

Gary COOPER e Jean ARTUR.

O TRIANON apresenta sempre aos seus frequentadores os MELHORES entre MELHORES FILMS!

EM MAIO—*Fechado para completa reforma do predio e installação de modernas e confortaveis poltronas.*

Antiga Rua Direita de Diamantina, hoje Tiradentes, vendo-se no primeiro plano a casa onde residia o inconfidente Padre José da Silva de Oliveira Rolim.

DIAMANTINA

A Diamantina completa hoje 100 annos que foi elevada a cidade. Não é uma vida. E' uma mocidade estuante de seiva que desabrocha em flôr.

Com todo o seu ardor juvenil, a Diamantina deu á Patria dignos filhos, que a elevam edignificam, porque attingiram ás culminancias da gloria e do saber.

Terra hospitaleira, que recebe como irmãos todos os que a procuram, sabe, por isso mesmo, dominar com esse poder secreto e irresistivel—que é o poder do coração.

E' por isso que, neste momento, povos longinquos, seus filhos estremecidos, grandes e pequenos, demandam, como em romaria de glorias, num concerto universal de homenagens e louvores á sua terra natal.

E é por isso que nós diamantinenses, no dia de hoje, volvemos os olhos para vós, ó grande Deus.

Nós vos bemdizemos e glorificamos neste grande dia, porque nos déstes uma terra rica, para nos lembrar vossa grandeza; uma terra, prospera e fertil, para nos lembrar vossa munificencia; uma terra cercada de bellissismas montanhas, para nos lembrar a belleza inenarravel de vossos céos; porque nos fazeis respirar um ar saturado de vida e impregnado de fragancias; porque nos déstes o prazer de ter como Pastor durante longos annos, o virtuoso e santo bispo—D. João Antonio dos Santos; porque nos destes para nosso convivio durante muitos annos, o Vosso grande servo e nosso inesquecivel amigo—D. Joaquim Silverio de Sousa—gloria do episcopado brasileiro; porque durante mais de quarenta annos, nos déstes como vigario, o nosso saudoso e virtuoso patricio—Mons. Antonio de Sousa Neves,—que raros o terão egualado na rectidão e probidade; porque soubestes preencher a grande lacuna deixada pelo desapparecimento do nosso Arcebispo e do nosso vigario, mandando-nos outros não menos dignos e nem menos virtuosos—D. Serafim Gomes Jardim e Pe. João Tavares de Sousa.

No decorrer destes 100 annos, nos déstes um Seminario—esse magnifico cenaculo, onde se ostentam virtudes, inteligencias lucidas, talentos privilegiados—bellos reflexos de vossa grandeza e omnipotencia. Como não vos prestar homenagens por tudo isto, no dia de hoje, Senhor?

Já que nos proporcionastes signaes de vosso amôr, fazendo com que os filhos de Diamantina se elevem na cultura, na arte, na litteratura, na religião, na politica e no amôr á Patria, permitti que vos démos graças por todos esses favôres que nos concedestes.

Fazei, pois, ó Deus, que no vosso Coração independente e grande, bondoso e justo, por centenarios ainda, viva a Diamantina.

LOURDES SANTOS.

A prosperidade de um ignorante é um jardim sobre um chiqueiro.

VAE A DIAMANTINA?

Procura o Café Central
de ZENON DE MENEZES
RUA FRANCISCO SA' OU DA QUITANDA.

REGRESSANDO...

Voltei!... E como a andorinha que fóge ao perigo
Do vendaval, um dôce tecto procurando,
Hospitaleiro e bom, as azas leves ruflando,
Vae encontrar além o desejado abrigo.

Assim bati á porta do teu lar amigo,
A mesma encantadora habitação de quando
Saudoso te deixei, o coração levando,
Como um desterrado, para um paiz imigo.

Entrei!... Que prazer celestial gozei então!
Beijei teu rosto puro, apertei-te a mão,
Venturoso e louco, num extase de amôr.

Depois... enleios, illusões, num sonho alado
Ao pôr do sol, festejando nosso noivado,
Cantava o sabiá, no laranjal em flôr!...

Setembro de 1909

COELHO JUNIOR.
(Diamantinense).

RECOLHIMENTO DOS POBRES

Quem aqui vem ha de sentir, sorrindo,
Dentro de si, uma alegria sã,
Vendo inspirar o sentimento infindo
Da Caridade, por si só christã.

HERMES.

FINDOU-SE!...

(Modinha).

A unica esperança que havia em meu peito,
Eu vi sem effeito, batida ao chão;
A linda menina, que eu tanto adorava,
Lançou-me nas lavas de féro vulcão!

Sentindo soluço, com custo respiro,
Chorando, suspiro, por face tão linda!
Meu Deus, quero a morte, tirae-me esta vida,
Sem minha querida?! Oh magoas infindas!...

Instante terrivel, horrendo momento,
Em que meu intento baldou-se, frusctrou-se!
Oh Deus de bondade, porque m'a roubastes,
A outro a entregastes?! Oh tudo findou-se!

Vos peço e supplico, oh meu Deus de bondade,
Tende caridade, tende compaixão;
Findae os meus dias, mudae minha sórte,
Mandae-me a morte, levae-me á Mansão!...

JOÃO MARCELLO DE ANDRADE.
(Diamantinese).

15$000

E' o preço da assignatura da "Vóz de Diamantina", d'agora em diante.

Inconfidencia Mineira

Nota interessante:—Claudio Monoel da Costa foi suffocado por dois soldados, de ordem superior, e que depois se fez espalhar o boato de ter-se suicidado, abrindo uma veia com o garpho da fivella dos calções, e escripto com o sangue um distico na parede.

Seu corpo foi mandado enterrar no campo, mas o Vigario Vidal, intimo amigo do finado, não querendo, ou tendo razões para não crêr no apregoado suicidio do dr. Claudio, ajudado pelo sacristão, foi ao logar, desenterrou o corpo e conduziu-o para a Matriz de Ouro Preto, dando-lhe uma das tres sepulturas abaixo do presbiterio do lado esquerdo.

Consta ainda que Claudio, conduzido poucos dias antes de morrer á presença do governador, tivera com este fórte alteração, e que o Visconde, taxando-o de traidor ao rei, elle respondeu:—traidor foi vosso avô, que vendeu a patria. E se isso succedeu, não seria causa de sua morte?

A mentira é como a ferida: ainda depois de sã, deixa cicatriz.

BEBAM CAFÉ
Aromatico, hygienico e saboroso. **Dayton**

VISITAE e protegei a Santa Casa de Caridade de Diamantina e verificareis, *de visu*, a grandeza dessa instituição.

As suas portas estão sempre abertas aos que soffrem.

BOCCA

Bocca, divina bocca! Si levanta
A vóz dulcissima da serenata.
Todos suppõem que fulge e que desata.
Uma porção de estrellas de garganta.

Si se abre num sorriso que remata
Meiguice e graça que deslumbra e encanta,
Um thesouro de perolas e prata,
Com uns longes de ouro nesse cofre canta.

Beijal-a! que desejo activo e fórte!
Só a fidalga correcção do porte,
Ora! é mesmo de pôr a gente louca!

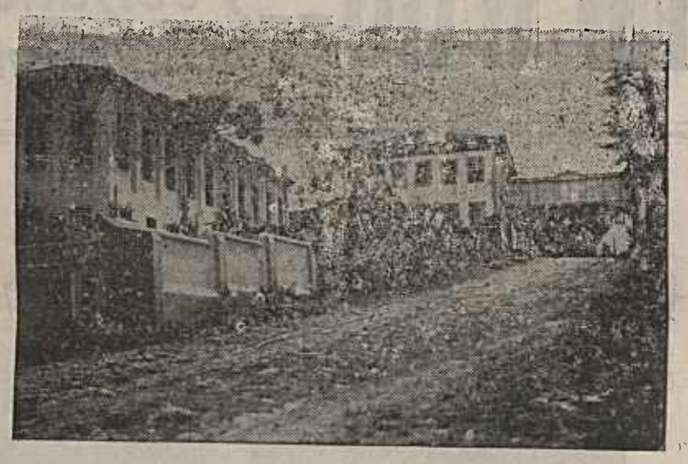
E dos braços da morte, vêr, querida,
Que para regressar de novo á vida
Bastava-me um só beijo dessa bocca!

ARTHUR FRANÇA.

(Diamantinense).

NOTA.—Este soneto foi começado na ante-vespera da morte prematura do joven poeta diamantinense. O ultimo tercêto é da auctoria do saudoso poeta mineiro Belmiro Braga.

Vista tirada por occasião da visita do Presidente João Pinheiro a Diamantina, vendo-se ao fundo a velha Sé.



Collegio de N. S. das Dôres, fundado pelo saudoso Bispo D. João, vendo-se o antigo passadiço e a nova capella do estabelecimento.

Cosme Alves do Couto, Provedor benemerito do estabelecimento e da nossa cidade.

bemos apenas que, annos depois, na intendencia do D. João Ignacio do Amaral, que tinha como fiscal o D. João da Cunha Souto Maior, foi o Ermitão expulso da demarcação, em 1796, como suspeito de contrabandista. Vendo o intendente, que era um homem arbitrario e deshumano, na acção de pedir para os pobres, algum meio encoberto de contrabando, pois onde houvesse um garimpo ou uma faisqueira lá ia o ermitão esmolar alguns vintens de ouro, com que podesse saciar a fome alheia, resolveu expulsal-o só por suspeita.

Recebendo as ordens, partiu o ermitão, sem um protesto ou reclamação, e, retomando, de novo, seu bordão, ergue os olhos para a sublime obra que edificára, e segue rumo ignorado.

Consta que se dirigira para S. João d'El-Rey, e lá fundou tambem o hospital daquella cidade. Aqui transcrevo a primeira acta de fundação:

1790.

«Neste anno, a 23 de Mayo, dia do Divino Espirito Santo, foi erecto este Hospital pello devoto Ermitão Manoel de Jesus Fórtes, sendo governador destas Minas o Exmo. Snr. Bisconde de Barbacena e Intendente dos Diamantes, neste Tejuco, o Snr. Dezer. Luiz Beltrão e Fiscal o Dr. João Ignacio do Amaral Silveira.

Foi erecto em duas casas que se compraram ao Capm. Manoel Lopis de Souza, por tres mil e quinhentos cruzados, os quaes pagarão em igual parte o Rev. Dr Carlos da Silva e Oliveira e o Capm. Manuel Roiz de Carvalho e logo gratuitamente se as derão ao sobredjto Manuel de Jesus Fortes, para o fundar, o qual nomeou para sindico ao S. M. Manoel Lopis Duarte, que com bôa vontade faz as vezes de bom provedor.

Este hospital, que hoje abriga 110 enfermos, a seguinte directoria:

Provedor—Cosme Alves do Couto.

Vice-provedor—João Motta Filho.

Thesoureiro—João Antonio Motta.

Secretario—Antonio Pereira de Andrade.

Procurador—Francisco da Costa Coelho.

Conselheiros—Cel. Targino Meirelles, Cel. Pedro Miranda e Tabellião José Joviano de Aguiar.

Dr. Soter Couto.

A saudade, dizia Turgot, é a memoria do coração, ao recordar...

Sobre a vida de Guttenberg

Escreveu H. Moraes:

Guttenberg, o genio extraordinario que surgiu no seculo XIV, nasceu, dizem uns, entre os annos de 1394 a 1397 e, segundo outros, em 1400.

Guttenberg, cujo nome verdadeiro João Gensfleich, nasceu na cidade de Moguncia, Allemanha.

No anno de 1400, mais ou menos, os xilographos e os copistas reproduziram os trabalhos da primitiva typographia, mas, no começo do seculo XV, os novos processos da typographia abalaram muito todo baluarte da typographia moderna.

Os documentos historicos, que se conservam, parece-me, em Moguncia, Strasburgo e outras cidades da Allemanha, constatam de maneira irrefutavel que Guttenberg foi o inventor da imprensa, muito embora alguns auctores procurem desvirtuar.

Pelo anno de 1434 já germinava no cerebro de Guttenberg a idéa da invenção da typographia.

Guttenberg era, tambem, um ouvires especializado.

Foram seus primeiros socios Durn e Dritzen e depois, João Fust e Pedro Schalfber, que estiveram como socios de Guttenberg, no invento da typographia.

Mais tarde, Fust, exigiu de Guttenberg o dinheiro que este não poude restituir da imprensa installada em Moguncia, ficando, por isso, a typographia de posse de Fust.

O Arcebispo de Moguncia muito protegeu Guttenberg, quando este se achava falho de recursos, para sustentar suas idéas renovadoras.

A morte colheu Guttenberg no dia 29 de Fevereiro de 1868, deixando elle para o mundo a porta aberta para os grandes memoriaes da sabedoria humana.

IZIDORO

Martyr! Escravo! Heróe! Um legado da Historia!
Infamou-te a Desgraça... Arrebatou-te a Gloria!
O martyrio sagrou teu sangue abençoado...
Espirando-te a luz de um infernal castigo,
A epopéa da Dôr silenciou comtigo
A pureza de um justo! ó pobre condemnado!

Bello exemplo de amôr, de extrema lealdade!
Preferindo a tortura á franca liberdade...
De um tyranno arrastaste a barbara ameaça...
O teu tronco viril, escarnecido e pobre,
Escudado, porém, numa alma grande e nobre,
Ascendeu-se em valor da tua humilde raça.

Rebelando-te, emfim, contra a vil oppressão,
Que te impoz a servil, á tôrva Escravidão,
Livre, um dia, lograste a te constituir...
Que tornou-se tão negro, tão tyranno,
E o capricho da sorte, esse capricho insano!
Ao supplicio tremendo ousou te conduzir.

Quanto sonho acendrado em tu'alma inspirada!
O' rebento viril de estirpe desdenhada
Pela tôla aversão do preconceito humano!
A tortura infamante, a um tormento rudo
Amargaste, Izidoro, indifferente e mudo
Aos caprichos crueis de um genio deshumano.

Deus doutou-te de puro e fino sentimento!
A cordura divina hauriste como alento
A cordura divina hauriste como alento
A' tu'alma em supplicio e convulsões de dôr...
E soffreste com calma e com resignação!
Deu-te a gloria do heroe entre os de mais valor!...

Preferiste, Izidoro, em silencio morrer,
A jamais revelar... e, assim, comprometter
A nobreza de quem diamantes te comprava...
A firmeza, sem par, de teu caracter puro
Era a grande demais para tornar-te impuro:
Em ser justo, em ser bom, tua virtude estava!

Como sabe soffrer um cordeiro de Deus!
E soffreste, innocente, os duros transes teus,
Abafando comtigo a dôr da ingratidão...
Do teu rosto, em livor, tão manso e tão sereno,
Era a mesma expressão do casto Nazareno,
Transmittindo no olhar a graça e o perdão!

Proto-martyr da acção nefasta e repellante
De um tyranno, um devásso, um barbaro Intendente,
O teu sangue orvalhara a terra dos Caldeiras.
Que poema de dôr, de summa crueldade!
Delle agora nos fala a gran Posteridade
Nos dominios reaes das lettras brasileiras.

Teu destino foi atro e caprichoso e forte!
Entre prantos de fel, o teu fatal transporte,
No Tijuco sentiu-se, o povo lastimou!...
Em conceito sublime ha de viver teu nome,
—Este nome que orgulha e não mais se consome,
—Este nome de heroe, que se immortalizou!

Morto estás, Izidoro! ó martyr, ó innocente!
Nessa hora de luz, de sonho resplendente,
Tão faustosa e vibrante, em que te rememoro...
Como um timbre de orgulho e sentimento térso,
Em profunda emoção, nas dobras de meu verso,
Eu te acelamo e te exalto, eu te louvo, Izidoro!

CORINTHO 938.

CELSO BARBOSA.

Antiga vivenda do Cel. Antonio Couto de Magalhães, irmão do Gal. Couto Magalhães.

EDGARD MATTA

Amigos! Relêde estes versos de Edgard, e chorae, buscando nas suavidades e dormencias de nossas tardes o bello espirito que se foi:

Evangelhos no poente

Quando a tarde agoniza, pela hora
Somnolenta de pallidos poentes,
Vêm os rebanhos pela estrada em fóra
Na mansuetude ascetica de crentes.

Uma harmonia suspirada outr'ora.
Da Galliléa nas solidões dormentes,
No mysterio da tarde que descora,
Passa acordando apparições dolentes.

Hebraicas, meigas, esquecidas harpas
Choram nos ermos, alcantis e escarpas
Melancholias de um passado velho.

E como que andam povoando o sonho
Nesse momento vesperal tristonho,
Todas as grandes lendas do Evangelho.

Retiro das Moças

Conforme noticiamos, realizou-se, na igreja do Rosario, desta cidade, um retiro espiritual para as moças, pregado pelo talentoso sacerdote e erudito orador sacro, Revmo. Padre Dr. Sebastião Fernandes dos Santos.

O seu encerramento se deu no dia 23 de Fevereiro ultimo, com toda solennidade, celebrando S. Exc. Revma., o Sr. Arcebispo Metropolitano, a Santa Missa, e distribuindo 616 communhões.

Que produza os fructos desejados, compensando á bôa vontade do esforçado e inclito sacerdote.

O ponto culminante do Brasil

Segundo estudos e observações feitas, de *visu*, pelo conhecido engenheiro dr. Alvaro da Silveira, foi achada para altitude do pico da Bandeira, na serra da Caparaó, entre Minas e o Espirito Santo, 2.884 metros, ao passo que, até então o pico das Agulhas Negras, com 2.830 metros, no Itatiaya, era considerado o ponto culminante de todo o Brasil.

O pico da Bandeira é, pois, 54 metros mais elevado do que o das Agulhas Negras.

A illusão é a felicidade dos ingenuos.

General José Vieira Couto de Magalhães

Filho de um negociante de pedras preciosas, nasceu em Diamantina, Estado de Minas Geraes, e formou-se em Direito por S. Paulo.

Sua primeira obra, logo após a formatura, foi um estudo historico, a que deu o titulo *Ao longe do nosso passado muito trabalho ha que juz esquecido*. Depois, publicou um romance historico—*Os Guayanases*, seguindo-se *A revolta de Felippe dos Santos*, obra com que ingressou no Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

E' auctor, ainda, de outros trabalhos, como *O Araguaya*, *O Selvagem*, *O quarto Centenario de Anchiêta* e *Grammatica da lingua geral e respectivo vocabulario*, que a morte não lhe permittiu terminar.

E' muito expressivo esse trecho de um artigo de Joaquim Nabuco, publicado na Revista do Instituto Historico, a proposito de *O selvagem*:

"Nenhum outro livro dá como esse a impressão magestosa e solenne do Brasil desconhecido e impenetravel. Nem mesmo Gonçalves Dias respira como elle o ardor, o enthusiasmo dos guerreiros da taba.

Circumnavegou o Brasil, a leste do Araguaya e do Tocantins; percorreu as duas grandes bacias do Amazonas e do Prata, e como que as ligou".

Effectivamente, foi Couto de Magalhães que, em pessôa, procedeu á exploração no rio Araguaya, para facilitar as communicações entre Pará e Goyaz, em realização do plano organizado em 1800 por D. João Manoel de Menezes, Governador da Provincia do Pará. Realizou outros grandes planos de navegação, transportando navios de um rio a outro por longas extensões de terra, com o auxilio de juntas de bois.

***

Como politico e estadista de visão, Couto de Magalhães occupou varios postos de grande destaque, como presidente das Provincias de Minas Geraes, Goyaz, S. Paulo e Matto Grosso.

Foi nessa ultima, que se revelou um authentico soldado, organizando a expedição que reconquistou Corumbá e expulsou os paraguayos do territorio mattogrossense. Era commadante da columna o Coronel Antonio Maria Coelho, mas Couto de Magalhães marchou ao seu lado, portando-se com extraordinaria bravura. Reconhecido pelos grandes serviços prestados á Patria nos campos de batalha, o governo concedeu-lhe as honras de general, distincção que muito captivou Couto de Magalhães, o julgar pelo prazer que sentia envergar a farda do Exercito.

***

Foi Couto de Magalhães quem teve a iniciativa de fundar em São Paulo a Sociedade de Etnographia e Civilização dos Indios. Mais tarde, ao ser recebido como membro do Instituto Historico, depois de terem lido o honroso parecer sobre a sua figura, referiu-se á fundação daquelle gremio. Sua palavra combativa e constructora mais uma vez soou em defesa das selvas:

"A minha iniciativa, naquella Capital, em prol dos nossos irmãos das selvas, não traduz sinão a bôa vontade de quem, como eu, deseja vêr amparados pelo governo os milhões de indios que, deshumanamente, o homem branco, fundado em uma falsa civilização, vae pouco a pouco desalojando dos sertões, como se não fossem elles os seus legitimos senhores".

Entendia que, em materia de catechese, só estavam certos os jesuitas antigos, porque aprendiam a lingua dos selvagens para então ensinar-lhes um alto senso, combatendo os que queriam impôr a civilização pela violencia. Certa vez, ironicamente, para envolver em ridiculo os partidarios da idéa de que os indios deviam limitar-se a comer os productos da terra, escreveu: *Proponho que os brasileiros, em vez de comerem carne de vacca, feijão e arroz, se alimentem de lagartixas e jacarés...*"

***

Espirito sedento de conhecimentos, Couto de Magalhães apaixonou-se pelo estudo da philosophia, dedicando-se á leitura de philosophos francezes, inglezes e allemães, especialmentente esses ultimos. Abriu mesmo um curso de philosophia, sendo seu discipulo, entre outros, o presidente da Republica, Prudente de Moraes. Consagrou-se, tambem, a estudos de physica e mechanica, adquirindo os mais aperfeiçoados instrumentos para as suas experiencias. Em Londres, no anno de 1880, iniciou adiantados estudos de astronomia, adquirindo tambem, importantes apparelhos, que mais tarde doou ao Instituto Politechnico de S. Paulo.

A luminosidade irradiante desse grande espirito foi um dia tocado por mysteriosa sombra, que, extranhamente, a apagou. E a 14 de Setembro de 1898 Couto de Magalhães desceu á terra que elle tanto amou.

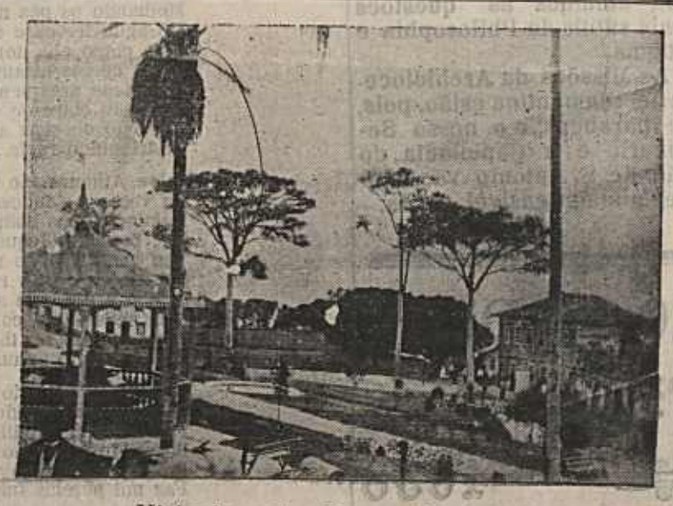
N. da R.—Varnhagen, Pereira da Silva, J. M. de Macêdo e outros escriptores nacionaes, erroneamente, indicam o Rio de Janeiro, como o logar do nascimento do dr. José Vieira Couto, e a Ilha Terceira, como o da sua morte. Um e outro facto occorreram no municipio de Diamantina: nascimento, no antigo arraial do Tijuco, a 19 de Agosto de 1752; e o fallecimento em sua fazenda do Gavião, que fica a dez leguas de Diamantina.

O celebre naturalista mineiro, diamantinense, foi sepultado debaixo de uma arvore da referida fazenda, d'onde, annos depois, foram seus restos removidos para a igreja do Carmo de Diamantina.

Largo de D. João, antigo do Curral, antes da construcção da Estaçao da Estrada de Ferro.

Casa commercial do Cel. Justiniano F. de Azevêdo.

CRUZEIRO DO ROSARIO, em frente á igreja do mesmo nome, em Diamantina, com uma bellissima gamelleira branca *(ficus doliaria—Mart.)*, nascida ha annos de uma pequenina fresta do cruzeiro, a qual tem se conservado sempre viçosa e resistindo a prolongadas seccas. Hoje, ella já assumiu proporção enorme, tomando todo o cruzeiro.



Vista do antigo Parque Municipal.

No regimen da palmatoria

Professores primarios antigos da cidade:

Padre Luciano, Francisco Alves, José Christiano, D. Carlos Frederico de M. Castello Branco Rolim, Sebastião Pereira Fernandes, D. Joaquina Lopes, João da Matta Gomes Ribeiro Sobrinho, D. Olympia Caldeira, Francisco de Sousa Mattos,

Sem prudencia e experiencia, ninguem viverá bem.

PROTEGEI o Despensario dos Pobres de S. Vicente de Paula.

NA PRATICA da esmola está a fonte das maiores e das mais duradoras alegrias que podemos experimentar neste mundo!

Rua Dr. Francisco Sá, vendo-se, no centro, o predio antigo de d. Francisca Lages, hoje Flamengo F. C.—A' esquerda, divisa-se o Bêco da Tecla, e, á direita, a Praça Dr. Corrêa Rabello.

Rua Tiradentes, antiga Direita, vendo-se a nova Cathedral e o predio em que funccionava a antiga Camara.

PEÇAM CAFÉ hygienico e saboroso. DAYTON

ANNIVERSARIOS

PARABENS

FIZERAM ANNOS:

Ainda no dia 23 de Fevereiro ultimo, a interessante Clarisse, querida filha do sr. Gabriel de Sousa Neves; e d. Maria Josephina Motta Freire, digna esposa do sr. José Machado Freire.

No dia 24, Cel. Theodulo Leão, distincto conterraneo, justamente estimado em nosso meio.

No dia 26 de Fevereiro ultimo, a menina Yonne Azevêdo, dilecta filha do sr. Augusto Fernandes de Azevêdo, digno Inspector de rendas do Estado; e o sr. Humberto Moreira da Silva, digno e operoso Escrivão do 3º. Officio e Official do Registo de Immoveis desta comarca.

No dia 27, d. Isolina Romanelli, digna esposa do pharm Alyppio Vianna Romanelli, residentes em Juiz de Fóra; senhorinha Edila Ramos Couto, filha estremecida do dr. Soter Ramos Couto.

No dia 28, a pequena Nilza, filha do sr. Feliciano Alves da Silva; d. Arminda Fernandes da Silva, digna esposa do sr. Ramiro Fernandes da Silva, funccionario da Prefeitura Municipal; e o interessante Edson, filho do sr. José Rocha.

—Entre 28 e..., porque o anno não é bisexto, a nossa bondosa amiga Pedrelina do Coração de Jesus Costa, e a menina Myriam, filha do sr. Manoel Gomes Ribeiro.

No dia 1º do corrente, o sr. Antonio Cicero de Menezes, alto funccionario da D. R. dos Correios e Telegraphos desta cidade, com 41 annos de serviços, que muito recommendam o seu nome de velho funccionario intelligente e operoso.

No dia 2, o menino Mauro Baracho, filho do sr. Jeronymo Baracho Junior; os nossos conterraneos Levy Leite de Faria e Arthur Ferreira de Aguiar.

No dia 3, d. Almerinda Ribeiro Lima, digna esposa do sr. João Onofre de Lima, digno Collector Estadoal; d. Olga de Almeida Neves, digna esposa do sr. Antonio Augusto Neves, residentes em Bello Horizonte; e d. Ursulina Ursini de Abreu, digna esposa do sr. João Antonio de Abreu.

No dia 4, a gracioza Odette Leite Fernandes, estremecida filha do sr. Antonio Moreira Fernandes, conceituado commerciante desta praça; o sr. Nylo Neves, escripturario da class: F. da D. R. desta cidade; Cel. Joaquim Guerra, residente em S. Paulo; e a intelligente e bondosa senhorinha Dilah Moreira da Silva, filha estremecida do sr. Humberto Moreira da Silva, digno Escrivão do 3º Officio e Official do Registo de Immoveis desta comarca.

No dia 5, Walter Coelho, filho do sr. David Coelho, bemquisto commerciante nesta praça.

No dia 7, o nosso confrade de imprensa, sr. Antenor Horta, Paulo Teixeira Neves, digno funccionario da D. R. dos Correios e Telegraphos; Pedro Ramos Junior, tambem da D. R. dos Correios e Telegraphos desta cidade; e Apparecida, estremecida filha do sr. José Brant Neto, digno Chefe do Trafego Postal da D. R. de Bello Horizonte.

No dia 8, Luciola Motta Garzedim, digna esposa do sr. Waldemar Garzedim, residentes em Mercês de Diamantina; e Cyro Sampaio Ferreira.

No dia 9, d. Catharina Neves Barreto, o sr. Francisco Evaristo de Meira, residente em Bello Horizonte; o pequeno Americo, filho do sr. Americo de Castro, funccionario postal; senhorinha Maria da Conceição, filha do 1º Te. João Julio Costa; e o pequeno Aryoni, filho do sr. Adilio de Castro, funccionario da Central do Brasil.

No dia 11, a prendada e piedosa Filha de Maria, professora Maria Cecilia Corrêa de O. Mourão, Hello Horta, e d. Julia Lemos Lopes, residente em Biribiry.

No dia 12, o joven José Maria da Costa, residente em Joaquim Felicio.

No dia 13, d. Emilia Pereira Lopes, digna esposa do Cel. Caetano Lopes de Figueiredo; senhorinha Maria das Dôres Lima, senhorinha Maria José Eulalio, Ilo Duarte, academico em S. Paulo; o sr. José Rabello da Rocha e Iracema A. da Silva, filha do sr. Feliciano A. da Silva.

No dia 14, o sr. David Antonio Coelho, estimado commerciante desta praça; os srs. Mario e Arthur Prado, filhos do sr. Mario Prado, digno funccionario da D. R. dos Correios e Telegraphos desta cidade; e Armando Leite Fernandes.

Nascimentos

Acham-se repletos de jubilo os lares dos srs. Raymundo Leal e exma. sra., e Segismundo Lopes e exma. sra., pelo nascimento de mimosos entezinhos, para a alegria dos dignos casaes.

Nossos parabens.

A verdade nunca prejudica o homem.

Padaria D. João

O sr. Eloy José de Medeiros acaba de installar, nesta cidade, á rua Augusto Nelso (Gupiára) uma bem montada padaria, a que deu o nome do nosso saudoso Bispo D. João Antonio dos Santos, como tributo de veneração á sua santa memoria.

Pe. Antonio Bernardino Monteiro de Barros, digno Capellão do Pão de S. Antonio

Foi, ha pouco, com surpresa nossa, transferido de professor do nosso Seminario, para a Missão Lazarista, deste arcebispado, o Revmo. Pe. Antonio B. Monteiro de Barros, Capellão do Pão de S. Antonio, cargo esse que vem exercendo, ha longo tempo, com inexcedivel zelo e dedicação.

Sacerdote virtuoso e culto, modesto a toda prova, pertence á conhecida e importante Familia Monteiro de Barros e Nogueira da Gama.

O seu tirocinio no magisterio, quer como professor no nosso Seminario, quer em outros estabelecimentos congeneres, attestam os seus conhecimentos em sciencias e linguas, que sabe tão bem transmittir, a ponto de conseguir chegarem ao alcance dos alumnos as questões mais subtis de Philosophia e Dogma.

As Missões da Archidiocese de Diamantina estão, pois, de parabens; e o nosso Seminario e a Capellania do Pão de S. Antonio vão soffrer a mais sensivel perda.

CENTENARIO DE DIAMANTINA

1838— —1938

Ausculta, Diamantina, os nossos corações!
E lá dentro verás teu nome circumdado
De beijos e de riso, estrophe e de canções,
Repleto como elle é de bellas tradições,
Com letras de ouro, em fórma nitida, gravado.

Teu nome concretiza a esplendorosa graça
Que há de viver em nós brilhando eternamente.
Palpita dentro delle a bravura da raça
Que tem vivido há mais de um seculo, sem jaça,
E a pureza sem par christã de nossa gente.

Tua vida é para nós a nossa propria historia.
Do nosso immenso amôr tua evolução proveio.
Assim é que feliz eu guardo na memoria
A gloria indefinida, a sempiterna gloria,
E o orgulho de saber que nasci em teu seio.

Teu nome é o nome que um filho desta terra
Ouvindo bocca extranha além pronunciar,
Escuta o coração que a lagrima descerra,
Bater com mais furor no peito que o encerra
Como a pedir chorando, ao dono p'ra voltar.

Teus feitos viverão formando o diadema
Que há de Coroar as gerações futuras.
No momento feliz, na quadra mais extrema,
Jamais me esquecerei desta hora suprema
Que em nossos corações, esplendida, fulguras.

Agora ao celebrar teu grande centenario
Na suave profusão de festas e de flôres,
Nós rogamos a Deus, nas contas de um rosario,
Bemdizer o teu passado enorme extraordinario,
Cobrindo o teu porvir de bençãos e louvores.

Neste dia feliz de nossa historia,
Cada sorriso que nos brota d'alma,
São outras tantas paginas de gloria
Que o povo, Diamantina, te tributa,
E vão juntar ás muitas que escrevestes
No decorrer de um seculo de lucta.

Viver em teu seio
E' não ter receio
De que o pranto alheio
Nos possa attingir;
A vida tranquilla
A dôr aniquilla,
E a gloria sentilla
Na luz do porvir.

Teu nome há de viver eternamente
No marmore da historia assignalado,
No coração sincero de tua gente
Ha de viver tambem sempre adorado,
Não só pela grandeza do presente
Mas inda pelas glorias do passado.

Celebrando teu grande Centenario
No fulgor desta festa exhuberante,
Bemdizemos no brilho extraordinario
Desta hora de graça palpitante,
A inmortalidade deste dia
E a gloriosa eternidade deste instante.

HERMES PIRES LEÃO.

Vista parcial do Pão de Santo Antonio.

A Minha Terra

Vês lá na encosta do monte,
Mil casas em grupozinhos,
Alvas como cordeirinhos
Que se lavaram na fonte?
Não vês deitado defronte,
Qual dragão petrificado,
Aquelle cerro curvado
Que mura cidadezinha?
—Pois essa cidade é minha,
E' meu berço idolatrado!

Alli meus olhos se abriram
A' luz matinal da vida;
Lá, primeiro, á Mãe querida
Meus labios de amor sorriram;
Lá seu nome proferiram,
Antes do nome de Deus
Lá, tentei os passos meus
Da vida na estrada rude;
Lá, aprendi a virtude
Minha Mãe, dos labios teus.

Olha como ella se inclina
Pela esmeralda do monte,
Molhando os pés numa fonte
De agua fresca e crystalina.
Olha como ella domina
Esses cerros alcantis
Com seus ares senhoris,
Com seu cofre de diamantes,
No meio de seus amantes,
Distribuindo rubis...

Salve, Athenas tão risonha,
Da verde e saudosa Minas!
Rainha dessas colinas
Que banha o Jequitinhonha
Teu vassallo, elle nem sonha
Quebrar teu jugo real,
E vem a um leve signal,
Com seus rubis, com seu ouro,
Derramar no teu thesouro
O seu tributo annual.

Feliz quem no seio teu
O sopro da Providencia
Faz brotar a intelligencia,
Perola fina do Céo!
Como da noite no véo,
Faz mil perolas fulgir,
Tu tens, ó rival de Ophir,
Outras joias, outros brilhos,
Teu thesouro são teus filhos,
Tua gloria é seu porvir!

Seu porvir, sim, que amanhece
Lá nos longes do futuro:
Não o meu, que um Fado escuro
De negros fios só tece.
—Patria! tudo me fallece
Para erguer teu esplendor
Mas do pobre trovador
Terás o obolo pobre
—No peito um Coração nobre
Na lyra um canto de Amor!

AURELIANO LESSA.

Predio da D. R. dos Correios e Telegraphos, vendo-se as casas do saudoso tabellião Americo A. de Mattos e do sr. Antonio de Almeida Ramos.

Evaristo--o Zebra

***

Recordam os nossos leitores do popular Evaristo Tavares, o expansivo Evaristo, que o espirito critico da nossa mocidade folgazã alcunhára de... Zebra?

Evaristo falleceu a 12 de Fevereiro de 1929, no Hospital de N. S. da Saúde.

Era bom, prestimoso, foi sargento do Exercito Nacional, e, nesta cidade, ás vezes, se occupava em vender hortaliças.

Boemio de marca maior, e pernostico, habitava uma das lapas da Serra do Rio Grande, e julgava-se feliz, vivendo alegre, principalmente, quando *chupava um prégo*...

Certa occasião, em que andava *descançando*..., Evaristo viu-se em apuros, obrigado por um delegado militar energico, a mostrar-se empregado, dentro do curto prazo de 24 horas.

Intelligente e astucioso, a sua sagacidade o livrou da má situação em que si via: arranjou emprestado um taboleiro e uma abobora; com este disfarce (porque, realmente, quando resolvia trabalhar, vendia hortaliças), conseguiu livrar-se das ameaças da auctoridade. Alegre e prazenteiro, percorria as ruas da cidade, e passava até deante do delegado, apregoando a sua abobora, mas a mesma abobora de todos os dias, sempre unica que trazia no taboleiro, á cabeça.

Em dada occasião, passei pelo desprazer de vêr o Evaristo, de *frak* e cartolinha, munido de uma enxada, vigiado por um policia, a capinar em frente á cadêa publica. E' que, desta vez, elle não tivera tempo de engendrar outro recurso, que o livrasse da auctoridade, que agia sem piedade, contra a vadiagem na cidade.

XISTO REIS.

«O meu patrãozinho,
Canta o empregado,
«Não sei si é nervoso;
Sei que é malcreado!»

Nomes indigenas

Notas uteis

Ita, significa pedra. *Una*—preta. *Mirim*—pequeno. *Açú*—grande. *Juba* — Amarella. *Bira*—brilhante. *Sacy*—veado. *Caa*—matto. *Era*—passado, destinado, etc.

Nyterôi, significa—agua escondida, de Y—agua e *nyterô*—occulta.

Itamaracá — pedra cascavel.

Itambé—pedra aspera.

Macaúba—rêde de dormir.

Marajó—pão deitado.

Jumirim—descida pequena.

Jequitinhonha—côvo frequentado.

Mamoré—pertence a nós. *Oré* significa a nós e *umbae*—cousa.

Paranapanema — rio vasio. *Paraná*—rio e *panema*—vasio.

Pindamonhangaba—fabrica de anzol. *Pinda* significa anzol e *manhagaba* fabrica.

Pirapóra—salto de peixe.

Itaberava—pedra chamejante.

Ypiranga—*hy*—agua—*anga* roxa.

Ibituruna—nuvem preta.

Guaporé—cachoeira no campo.

Guarany—senhores da terra, guerreiros.

Guaicuhy—nome dado ao Rio das Velhas, pelos indigenas.

Ceará—nome de papagaio.

Chuy—*hy*—agua e *chũ*, que significa ave de agua.

Caetê—sylva primitiva.

Araçuahy—ave grande. *Ará*—ave e *assú* ou *açú*—grande.

Paracatú—peixe bom, gostoso, etc.

Pira—peixe e *catú* bom.

Parahybuna—agua clara. *Pará* rio—*hy*—agua e *buna*—clara.

Itacolumi—pedra de filho. *Ita*—pedra e *columi*—filho.

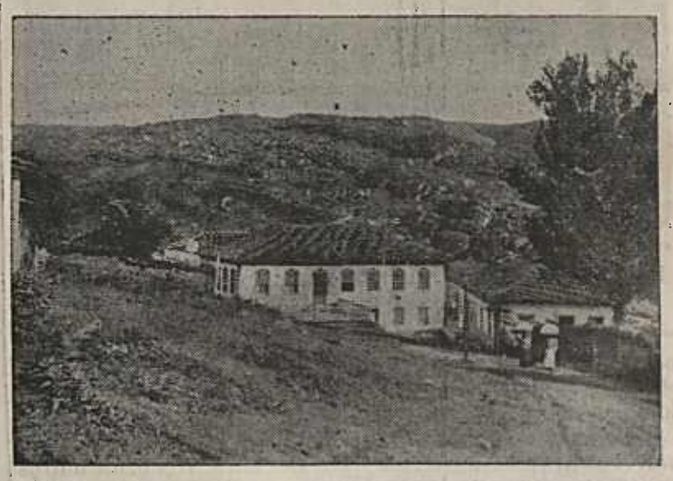
Uberaba—agua brilhante.

O antigo Quartel do 4º. Batalhão, á Praça Dr. Prado (Cavalhada Velha).

Mez de S. José

Na Cathedral Metropolitana, começaram os piedosos exercicio deste mez, consagrado ao glorioso S. José, Padroeiro da Igreja Universal.

Hydrolitol 20 annos de successo na Europa.



Chacara do Barão de Paraúna, hoje Hospital da Saúde.

Agradecimento

O Padre José Clemente Machado, sua irmã Maria dos Anjos Andrade, cunhado João Dias de Andrade, os netos, bisnetos e mais parentes da finada Anna Pereira da Silva Machado, ainda contristados pelo rude golpe por que passaram, vêm, pela imprensa, na impossibilidade de agradecer, pessoalmente, a cada uma das pessôas amigas que os confortaram com suas visitas, por telegrammas, cartas e cartões, assim como os que acompanharam o enterro e assistiram á Missa do 7º dia, por alma da mesma finada, cumprir esse dever sagrado pela imprensa, prostestando-lhes tambem sua immorredoira gratidão, pelos serviços inestimaveis, espontaneos, prestados durante a enfermidade da saudosa morta.

Ao humanitario clinico, sr. dr. Polycarpo Teixeira, extendem seu reconhecimento, pela sua pontualidade e dedicação no exercicio de sua profissão, confortando-os ainda pela parte que tomou na sua dôr e sentimento.

Gouvêa, 23 de Fevereiro de 1938.

Augusto Caldeira da Fonseca

Falleceu, ha dias, em Corintho, onde gosava de justa estima e muita consideração, o sr. Augusto Caldeira da Fonseca, chefe de familia exemplar, e que contava vasto circulo de amizades, pela suas nobres qualidades e conducta christã.

Era fazendeiro no districto de Curimatahy deste municipio, onde foi muito tempo prestigioso chefe politico.

A' familia enluctada, nossas sinceras condolencias.

BEBAM CAFÉ Aromatico, hygienico e saboroso. Dayton

Prefeitura de Diamantina

Decreto nº 37, de 2 de março de 1938.

Considera de feriado municipal os dias 4, 5, 6 e 7 de março de 1938.

O Prefeito do Municipio de Diamantina, usando de suas atribuições;

Decreta:

Artigo unico—Em homenagem ao 1º centenario de elevação de Diamantina á categoria de cidade, ficam, para todos os efeitos legais, considerados feriados municipais os dias 4, 5, 6 e 7 de março de .... 1938, revogadas as disposições em contrario.

Manda, portanto, a todos a quem o conhecimento e execução deste decreto pertencer, que o cumpram e façam executar tão inteiramente como nele se contem. Publique-se na forma da lei.

JOUBERT GUERRA,
PREFEITO.

Publicado e registrado no livro proprio.

Secretaria da Prefeitura de Diamantina, em 2 de março de 1938.

O Secretario, Gabriel de Amicis Mandacarú.

Decreto nº 38, de 2 de março de 1938.

Denomina rua da Acaiaca a atual rua do Alecrim, etc.

O Prefeito do Municipio de Diamantina, usando de suas atribuições;

Decreta:

Art. 1º—Passa a ter a denominação de rua da Acaiaca a rua que, nesta cidade, é, atualmente, chamada do Alecrim.

Art. 2º—Fica o Prefeito autorizado a providenciar no sentido de, em tempo oportuno e no lugar mais conveniente da referida rua, ser colocada placa com a denominação de que fala este decreto.

Art. 3º—Revogam-se as disposições em contrario.

Manda, portanto, a todos a quem o conhecimento e execução deste decreto pertencer, que o cumpram e façam executar tão inteiramente como nele se contem. Publique-se na forma da lei.

Prefeitura de Diamantina, em 2 de março de 1838.

JOUBERT GUERRA,
PREFEITO.

Publicado e registrado no livro proprio.

Secretaria da Prefeitura de Diamantina, em 2 de março de 1938.

O Secretario, Gabriel de Amicis Mandacarú.

Decreto nº 39, de 6 de março de 1938.

Denomina Praça Dr. Juscelino Kubitschek o trecho compreendido entre o estabelecimento comercial do Sr. José Pedro de Andrade e o cruzamento com a rua Municipal, etc.

O Prefeito do Municipio de Diamantina, usando de suas atribuições;

Considerando que ao seu ilustre filho, Sr. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, deve o municipio de Diamantina beneficios e empreendimentos que bastam para tornal-o credor da simpatia e admiração de todos os seus conterraneos;

Considerando sua operosidade e constancia empregadas na solução de todos os problemas vitais para a economia e o progresso do municipio de Diamantina;

Considerando que, ao ensejo de Diamantina festejar o seu 1º Centenario de cidade, o nome do Sr. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira deve ser relembrado como o de um dos maiores e mais lidimos diamantinenses;

Decreta:

Artigo unico—A' feliz oportunidade do decurso do primeiro centenario da cidade Diamantina, em razão dos multiplos e relevantes serviços prestados ao Municipio e para que o seu nome fique ligado á nossa maior data civica, é denominada "Praça Dr. Juscelino Kubitschek" o trecho compreendido entre o estabelecimento comercial do Sr. José Pedro de Andrade e o cruzamento da rua Municipal, devendo, ainda hoje, para que se complete esta especial homenagem de Diamantina ao seu abnegado filho, ser ai colocada a devida placa, revogadas as disposições em contrario.

Manda, portanto, a todos a quem o conhecimento e execução deste decreto pertencer, que o cumpram e façam executar tão inteiramente como nele se contem. Publique-se na forma da lei.

Prefeitura de Diamantina, em 6 março de 1938.

JOUBERT GUERRA,
PREFEITO.

Publicado e registrado no livro proprio.

Secretaria da Prefeitura de Diamantina, em 6 de março de 1938.

O Secretario, Gabriel de Amicis Mandacarú.

Automoveis e caminhões

Actualmente existem em Diamantina:

Automoveis de praça	32
" particulares	10
" officiaes	5
Caminhões	28

Onesimo Ramos Couto

COM ESCRIPTORIO DE PROCURATORIOS A'
Rua TYMBIRAS, 1248
PHONE, 3516

Encarrega-se de todo serviço junto ás repartições publicas
Municipaes
Estadoaes
Federaes

Nesta Capital e RIO DE JANEIRO
BELLO HORIZONTE

Coisas & Coisas

***

E' bom que lembremos, de vez em quando, ás novas gerações, a vida honrada dos nossos homens que vão desapparecendo e legando á posteridade um traço luminoso de sua passagem por este valle de lagrimas.

Tudo passa, tudo acaba, tudo desapparece neste mundo, mas os homens de bem não serão esquecidos jamais, pela grandeza de seus feitos, pela rectidão de sua consciencia.

Modesto Furquim de Campos, o Modesto Chicoteiro, assim por muitos appellidado, quem não conheceu em Diamantina?

Negociante, toda sua vida, de generos do paiz, estabelecido ao Bêco do Penna, hoje do Córte, nunca transigiu no exercicio honesto de pequeno commerciante.

Modesto Furquim não mentia, nem em proveito de seus interesses commerciaes; só a verdade, á verdade só era a sua divisa, a divisa de um caracter rijo e impolluto.

Assim tambem era o honrado e saudoso commerciante e chefe da distincta Familia Motta, desta cidade, sr. João Francisco da Motta, cuja vida foi um modelo de honestidade, e negociante-mestre, não só pela sua conducta do ouro do mais fino quilate como por ser um commerciante intelligente e preparado. A sua palavra era respeitada e os seus ensinamentos uma lei.

.....

Mas, voltemos ao seu Modesto.

—Seu Modesto (assistimos a isso, varias vezes), o sr. tem feijão?

—Não! respondia elle, sêccamente).

—Mas (retrucava o comprador), o sr. diz que não tem, e eu vejo esse genero ahi na barrica...

E o Modesto, todo sisudo, replicava: «Disse que não, porque esse feijão não é bom, tem bicho, não serve para sua casa.

A lavadeira queria comprar sabão.

—Seu modesto o sr. tem sabão bom?

—Bom, não sei: a sra. leve, experimenta e me diga si elle é bom, para que eu possa affirmal-o.

Muitos outros casos se reproduziam, diariamente, no seu negocio, como mais este, ainda referente ao sabão;

—Seu Modesto, o sr. tem sabão bom?

—Tem.

—Mas, o sr. garante?

—Não tem, não!

—Mas, seu Modesto, como é isso, si o sr. acaba de dizer que tem e agora diz que *não tem?!*

—E' porque, quando eu digo que é bom, é porque é bom....; e si não acreditas na minha palavra, não me convem lhe vender.

E assim, Modesto Forquim, muitas vezes, deixava de vender, para para dão quebrar a linha de sua conducta alvinitente, A sua vida deixou cheia de episodios interessantes, que enaltecem a sua memoria de homem honestissimo, de homem extraordirio.

E as suas medidas! Que rigor, que correcção!

Modesto Furquim não mentia, nem lograva a ninguem.

Os seus negocios eram feitos ás claras, em seu prejuizo até, quando a sua consciencia recta o exigia.

Modesto Furquim, o pouquinho que deixou, com saldo de seus compromissos, legou aos pobres do Pão de S. Antonio.

Que Deus tenha na sua gloria aquelle que soube ser honrado, aquelle cuja vida foi tão honesta na terra!

XISTO REIS.

A cidade mais alta do mundo fica situada na America do Sul: é Cerro de Pasco, no Perú, que está a 4.383 metros.

Os nossos hospedes

Na proxima edição, daremos a chegada dos caros patricios e das demais pessôas que estiveram em Diamantina, por occasião do seu Centenario.

Crystal de Rocha

Nos districtos de S. João da Chapada e Inhahy, está em actividade a extracção de crystaes.

Em S. João, têm sido extrahidos crystaes de valor inestimavel, pelo tamanho e qualidade.

RECEITA

Carvão para thuribulo

Solução fervida de 75 partes de nitrato de soda e 25 ditas de salitre.

Mergulha-se o carvão.

Banda do Corinho

«Quem lêr o "Pão de S. Antonio", orgam da modesta e estupenda instituição á velhice desvalida, que, ha muitos annos, brotou milagrosamente ao pé dos alcantilados rochedos da historica Diamantina, quasi no mesmo logar em que outr'ora eram enforcados os condemnados, ha de encontrar, no meio laconico dos annuncios, o seguinte: "Americo Augusto de Mattos ensina musica gratuitamente a moços que queiram fazer parte da Banda do Corinho".

Até ahi nada ha de mais, porque, afinal de contas, ensinar musica é hoje uma bôa profissão, nos meios cultos; mas, o annunciante, que até é Tabellião, impõe as condições mais justas deste mundo: a de só ensinar a divina arte, gratuitamente, a quem queira fazer parte da Banda do Corinho.

Gesto nobre, edificante e patriotico do annunciante, porque reviver a "Banda do Corinho", fiquem ao menos sabendo os que me lerem, é levantar dos escombros a que foi levada por uma mentirosa evolução a mais secular e gloriosa instituição artistica da Diamantina, que recorda os tempos aureos da grande metropole do norte, fazendo surgir em cada lar um ninho feito de luares!

Gesto magnanimo esse que vem trazer ao coração do exilado, como uma balsamica consolação, atravez dos ares, numa licção admiravelmente bella, sonhador e angelical, o sorriso fagueiro da grande sultana dos serros, ao ouvir a repercussão, nas pontas e agudas rochas do "Rio Grande"—como pontas de granito, beijando os céos — dos echos harmoniosos daquellas notas que evocam o seu passado feito de bençãos!

Que diamantinense haverá por ahi além que não gose um instante, libando-se nas douradas azas da phantasia, ao recordar o adeus, adeus... terna despedida do ultimo dia de carnaval, quando o povo delirava na porta do velho Theatro S. Izabel, hoje ignominiosamente transformado em cadeia?

Quem não se lembrará com saudades das pugnas artisticas em que se degladiavam as batutas de ouro do "Paraguay" e "Pururuca", as duas aguias musicaes do norte, arrebatando a alma da multidão, pela fórma, melodia e gosto das suas sublimes camposições?

A alma piedosa do crente, sobretudo, será levada, pelo menos com olhos da imaginação, a contemplar por entre as palmeiras que circumdavam as arcadas da velha cathedral, no Domingo de Ramos, as cans esbranquiçadas do Senhor Bispo— o grande D. João, ou na Quinta-feira Santa, depois de incensar e beijar humildemente os pés dos apostolos, entoar, baixinho, o primeiro psalmo do officio de trevas.

Nesse momento de enorme sensação ha de a gente ouvir a voz do Paraguay, la no côro, acompanhada pelos melodiosos sons do violino do Modesto ou pela flauta do Laport, e cá em baixo, por entre o mulherio elegante, em cujos pescoços pendiam cordões de ouro, o rugir das sédas dos vestidos!

Porém, nada mais deve emocionar a alma do visionario do que ter de ouvir no Domingo de Passos, a marcha do "Senhor dos Passos", ou na "Sexta-feira Santa", a marcha da "Bôa-Morte", a primeira mais inspirada composição do Paraguay—o creador do Corinho—que pelas suas sentimentalidades infinitas, recordando a vida dolorosa do calvario, levam mesmo ao mais incredulo e as turbas curiosas á dôce attitude da oração!

O diamantinense, pois, que digamos de passagem, é o mais sentimental e patriota dos brasileiros, ha de receber com sorriso nos lábios a noticia do resurgimento do "Corinho" que tanto impulsionou a vida do legendario Tijuco, collocando-se no numero das cidades mas cultas, historicas e originaes do Brasil.

E agora que se trata de commemorar o centenario da nossa independencia, não queiram os historiadores patricios commetter a injustiça de deixar no olvido em que jazem desconhecidos, os nomes de Antonio Ephygenio de Sousa—o Paraguay, autor das marchas "Senhor dos Passos e "Bôa Morte", e de João Baptista de Macêdo o—Pururuca, celebre compositor do "Lamentos de Etelvina" que tanto successo fez em Paris.

Pirapóra, Setembro de 1921.

Augusto Fernandes.

A má sociedade é o meio depravador do homem.

DESEJA UM BOM RADIO?

"METROTONE"

Peça uma demonstração sem compromisso á

CASA MOTTA FILHO

— Diamantina — Minas —

PREÇO — 680$000.

(10—9.)

CASA COELHO
PRAÇA DO MERCADO
COMMERCIO EM GROSSO

Molhados, Cereaes, Sal, Kerozene, Farinha, Assucar, *Phosphoros, Sabão, Miudezas* etc.

Depositario exclusivo dos productos ANTARCTICA PAULISTA; e do afamado KEROZENE JACARE' e GAZOLINA STANDER OIL.

INDUSTRIA

DE BENEFICIAMENTO DE ARROZ, PRODUCÇÃO DIARIA 40 SACCOS; TRITURADOR PARA FARELINHO; FABRICA DE BEBIDAS REFRIGERANTES, SODAS, GUARANA', REFRIGERANTE MAÇÃ, XAROPES, ETC.

Officina Mechanica, para concertos e reformas dos afamados e possantes Caminhões e Jardineiras Internacional.

LER para SABER

FUNCCIONAMENTO ECONOMICO e proclamado por muitos fabricantes de vehiculos motores, mas sómente a pratica e o tempo provam si esta economia é permanente.

Os caminhões International asseguram economia duradoura = economia durante um longo periodo - em gazolina, oleo e peças. Os novos modelos International surprehendem pelos aperfeiçoamentos technicos que ainda augmentam a sua efficiencia e durabilidade e tambem pela sua apparencia ultra-moderna de linhas aerodynamicas.

Peça folhetos descriptivos para conhecer os Novos International.

CAMINHÕES INTERNATIONAL

O Agente dos afamados caminhões Internationaes. **CASA COELHO**

Drs. Antonio Nery
José Pinheiro Costa

Advogados

Causas Civeis—Commerciaes—Criminaes

Mantém uma Secção de Procuratorios em Geral

Av. Affonso Penna, 952—Sala 328—2º. Andar.

BELLO HORIZONTE

A' MUSA

Contém outros, da Vida os magicos aspectos;
Vejam outros na Vida estrellas e fulgores;
Ignorem o soffrer, os odios e os rancores,
Para em tudo enxergar phantasticos Hymetos;

Eu vejo desde o Sol ás lavras e aos insectos,
Atravez da illusão vernal de sons e côres,
A forte realidade unanime das dôres,
Da Vida universal nos adytos secretos...

Amem outros a Fórma esplendida e sonora;
Vejam em cada chaga o palpitar de um ninho,
E, em cada campa aberta, o lume de uma aurora...

Musa! teme da Vida o envenenado vinho;
Nem te deixes levar, philomela canora,
Pelo seu perigoso e tudo redemoinho.

1915.

ANTONIO TORRES.
(Diamantinense).

CASA CYRILLO

José Cyrillo dos Santos

A mais antiga casa de calçados da praça
Especialista em calçados, cabedal para sapateiros, etc.

Annexo á casa commercial, possue uma bem montada officina de sapateiro, onde se concertam calçados e se fabricam sob medida.
Grande sortimento de fazendas, roupas feitas, chapéos de sol e de cabeça, perfumarias, brinquedos, artigos para presentes, etc.

Sortimento variado de discos, victrolas e radios das melhores fabricas.
E' a casa que tem sempre em stock artigos religiosos: medalhas, livros, terços, estampas e imagens.
EXPORTADOR DAS AFAMADAS SEMPRE-VIVAS.

Praça Dr. Francisco Sá—Esquina Campos Carvalho.
— DIAMANTINA—MINAS. —

Banco da Lavoura
DE
MINAS GERAES

Capital de 15.000:000$000 **Reservas 2.100:000$000**

SÉDE EM BELLO HORIZONTE

AV. AFFONSO PENNA, 726
TEL. 1220/1233/1244/4971
C. POSTAL, Nº 144

FILIAL NO RIO DE JANEIRO

RUA DA CANDELARIA, Nº. 4
TEL. 43.16.43
CAIXA POSTAL, 1679

AGENCIAS:

BOM SUCCESSO
ITABIRITO
NOVA LIMA
PARÁ DE MINAS
S. GONÇALO DO SAPUCAHY
CHRISTINA
ITAÚNA
OLIVEIRA
PEÇANHA
S. SEBASTIÃO DO PARAISO
CONSELHEIRO LAFAYETTE
JUIZ DE FÓRA
OURO FINO
PERDÕES
S. RITA DO SAPUCAHY
DIAMANTINA
LIMA DUARTE
OURO PRETO
POUSO ALEGRE
SERRO

AS MELHORES CONDIÇÕES PARA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
SEGURANÇA E RAPIDEZ

TABELLA DE JUROS:

Cs. Cs. Popular (limite de 10:000$000, com talão de cheques e COFRE) 6% a. a.
Cs. Cs. Limitada (limite de 50:000$000) ..... 5% a. a.
Cs. Cs. Movimento (sem limite) ..... 3% a. a.

A PRAZO FIXO:

6 mezes ..... **6% a. a.**
12 mezes ..... **7% a. a.**

Endereço telegraphico «LAVOURA» **Codigos telegraphicos** MASCOTTE, RIBEIRO, PARTICULAR